



DIÁLOGO com TEATRO

#ESCOLASEMVIOLENCIA



Instituto **SoudaPaz**

A paz na prática



GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO

Secretaria da Educação

FICHA TÉCNICA

COORDENAÇÃO GERAL

Instituto Sou da Paz e Secretaria da Educação do Estado de São Paulo

INSTITUTO SOU DA PAZ

DIRETORIA

Luciana Guimarães e Melina Risso

ÁREA DE PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA

Keyllen Nieto – Coordenadora de Área 1ª e 2ª edição
Ricardo Mello – Coordenador de Área 3ª e 4ª edição
Rodrigo Souza – Coordenador de Área

PROJETO DIÁLOGO COM TEATRO

Cainan Baladez – Coordenador de Projeto
Valéria Cirilo Rocha – Educadora (1ª edição)
Carla Marco – Estagiária (2ª e 3ª edição)
Renata Rocha – Estagiária (4ª edição)

ÁREA DE GESTÃO DO CONHECIMENTO

Ligia Rechenberg – Coordenadora de Área

ÁREA DE COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

Janaina Baladez – Coordenadora de Área

MATERIAL DIDÁTICO

Telma Vinha – Consultora
Camila Prado – Edição e Preparação de Texto
Beatriz Cruz e Cainan Baladez – Redação
Ricardo Mello e Janaina Baladez – Revisão

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO

SECRETÁRIO

Herman Jacobus Cornelis Voorwald

SECRETÁRIA ADJUNTA

Cleide Bauab Eid Bochixio

CHEFE DE GABINETE

Fernando Padula Novaes

SISTEMA DE PROTEÇÃO ESCOLAR –

PROJETO DIÁLOGO COM TEATRO

Deisi Romano
Felippe Marques Angeli (Coordenador)
Leonardo Arquimimo de Carvalho
Sílvia Moutinho de Aguiar

PROJETO DE COMUNICAÇÃO

SUBSECRETARIA DE COMUNICAÇÃO

DO ESTADO DE SÃO PAULO

Marcio Aith
Mariana Montoro Jens
Susy Arcanjo Tristão

DIAGRAMAÇÃO

Agência Mood
Tiago Cabral

Patrocínio



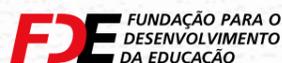
Parceria



Ministério da Cultura



Realização



AGRADECIMENTO

Agradecemos a todas as escolas e instituições que, ao participarem do projeto, contribuíram para a elaboração deste material. Obrigado por abrirem seus portões e compartilharem suas experiências.

1ª Edição:

- EE Professor Hélios Heber Lino
- ETEC Heliópolis
- EE Professor Walfredo Arantes Caldas
- EE Buenos Aires
- EE Professor Flaminio Fávero
- EE Padre Anchieta
- EE Professor Renato de Arruda Pentead
- Sociedade Humana Despertar
- EE Professora Anilza Poli
- EE Professor Tarcísio Alvares Lobo
- EE Dr. Genésio de Almeida Moura
- Projeto Guri – Santa Marcelina

2ª Edição:

- EE Dr. Rinaldo Ribeiro da Silva
- EE Professor Almeida Junior
- EE Alberto Levy
- EE Manuel Ciridião Buarque
- EE Luiz Elias Athiê
- EE Professor Oswaldo Walder
- EE Thomazio Montoro
- EE Professora Lygia de Azevedo Souza e Sá
- EE Guiomar Rocha Rinaldi
- EE Professor Architiclino Santos
- EE Professor Raul Cardoso de Almeida
- EE Doutor Murinho Nobre
- EE Professor Odon Cavalcanti
- EE Nossa Senhora Aparecida
- EE Professor Ataliba de Oliveira
- EE Júlio Ribeiro
- EE Martins Pena
- EE Júlia Della Casa Paula
- EE Rosa Inês B. Moreira
- EE Joaquim Adolfo de Araújo
- EE Professor Dogival Barros Gomes

3ª Edição:

- EE Cícero Canuto Lima Pastor
- EE Antonio Aggio
- EE Joiti Hirata
- EE Professor Flávio La Selva
- EE Gil Vicente
- EE Oscar Pereira Machado

- EE Vicente Leporace
- EE Waldir Rodolpho Castro
- EE Jardim São Bento III
- EE Dona Zulmira Cavalheiro Faustino
- EE República do Panamá
- EE Orlando Mendes de Moraes
- EE José Porphyrio da Paz
- EE Margarida Maria Alves
- EE Yoshio Ninomiya
- EE Jornalista David Nasser
- EE Antonio Manuel Alves de Lima
- EE Professor Ronaldo Garibaldi Peretti
- EE Dom Agnelo Cardeal Rossi
- EE José Joaquim Cardoso de Melo Neto
- EE Jardim Capela IV
- EE Beatriz de Quadros Leme
- EE Dra Rosa Pavone Pimont
- EE Luis Magalhães
- EE Professora Eulália Silva
- EE Samuel Morse
- EE Sinhá Pantoja

4ª Edição:

- EE Arnaldo Barreto
- EE Castro Alves
- EE Conselheiro Ruy Barbosa
- EE Gabriela Mistral
- EE Johann Gutenberg
- EE Julio Pestana
- EE Pastor Paulo Leivas Macalão
- EE Professor Carlos de Laet
- EE Professor Leônidas Paiva
- EE Professora Marly Diva Bonfanti
- EE Professora Philomena Baylão
- EE Professora Rita Bicudo Pereira
- EE Tito Prates de Fonseca
- EE Albino César
- EE Assis José Ambrosio
- EE Doutor Justino Cardoso
- EE Doutor Pedro de Moraes Victor
- EE João Ligabue
- EE Professor Eurico Figueiredo
- EE Professor João Baptista Alves
- EE Professor Sérgio da Costa
- EE Professora Amenaide Braga de Queiroz
- EE Veridiana C. C. Gomes

APRESENTAÇÃO

Nos últimos anos, tem sido comum a divulgação na mídia e nas redes sociais de brigas e situações de violência nas escolas públicas brasileiras, muitas vezes registradas pelos próprios alunos através de câmeras de celulares. Essa exposição revela um fenômeno que tem preocupado os diversos atores da comunidade escolar e a sociedade de modo geral e que, aliado a outros fatores, tem impulsionado um aumento da sensação de insegurança nas escolas públicas.

De todo modo, a despeito dessa exposição, não é possível afirmar que as ações violentas estejam aumentando, já que não existem dados que mensurem diretamente esse tipo de ocorrência. O que se percebe, na verdade, é o aumento dos conflitos entre os atores da escola.

Diante desse cenário, o Instituto Sou da Paz criou, em 2011, o **Diálogo com Teatro**, que se vale da experiência do instituto em projetos realizados em escolas – como o Projeto Grêmio em Forma [2001/05] – e o conhecimento acumulado na área de prevenção da violência – como o Projeto Paz em Cena [2009].

O Sou da Paz encontrou o cenário ideal para o desenvolvimento do **Diálogo com Teatro** quando o Sistema de Proteção Escolar, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE), criou a função de Professor Mediador Escolar e Comunitário (PMEC), cuja responsabilidade é justamente atuar na dimensão da convivência no ambiente escolar.

Com uma perspectiva de trabalho inovadora, esses profissionais da educação precisam de um suporte na formação e elaboração de metodologias de trabalho tão pioneiras quanto a própria iniciativa. Nesse âmbito, o **Diálogo com Teatro** tem como objetivo principal capacitar PMECs a realizar uma intervenção nas escolas onde atuam, usando a arte-educação como ferramenta para criação de um espaço de diálogo e, assim, prevenir a violência. O teatro foi escolhido como linguagem por permitir, com o mínimo de recursos, a simulação de situações de conflito e violência, criando a plataforma necessária para debates sobre esse tema.

“O teatro foi escolhido como linguagem por permitir a simulação de situações de conflito e violência, criando a plataforma necessária para debates sobre violência escolar.”

Essa metodologia foi elaborada com a colaboração dos PMECs e vice-diretores do Programa Escola da Família das Diretorias de Ensino Centro, Norte 1, Norte 2, Centro-Oeste, Centro-Sul, Sul 1 e Sul 2 do município de São Paulo. Nesse processo de sistematização e implantação, foram formados 138 professores, que desenvolveram e apresentaram resultados do trabalho realizado com aproximadamente 2 mil jovens, em 114 escolas. O **Diálogo com Teatro** foi concretizado a partir do patrocínio do Fundo Comgás e da parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

SISTEMA DE PROTEÇÃO ESCOLAR

Na condução de políticas públicas, é fundamental que métodos sejam testados, avaliados e que contem com contribuições de diversos atores sociais. Este material é produto desse processo.

O Instituto Sou da Paz é uma instituição da sociedade civil organizada que apresenta duas características nobres: a primeira é apontar fenômenos sociais que precisam ser enfrentados; a segunda característica relaciona-se à maneira responsável com que o Instituto atua, pois não só aponta as necessidades de melhoria, mas também desenvolve propostas e colabora ativamente para que políticas públicas sejam criadas e aperfeiçoadas. Assim surgiu o **Diálogo com Teatro**.

Desde 2009, a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desenvolve o Sistema de Proteção Escolar, um conjunto de ações interdependentes, que visa disseminar e articular práticas voltadas à prevenção de conflitos no ambiente escolar, à integração entre a escola e a rede de garantia dos direitos da criança e do adolescente, assim como à proteção da comunidade escolar e do patrimônio público. Dentre seus principais projetos, destaca-se o Professor Mediador Escolar e Comunitário (PMEC), desempenhado por um educador capacitado para identificar eventuais fatores de vulnerabilidade presentes no cotidiano escolar e, por meio de técnicas de gestão de conflitos e tecnologias sociais, desenvolver projetos pedagógicos que promovam uma melhor integração entre todos os segmentos escolares.

“A Secretaria da Educação do Estado de São Paulo desenvolve o Sistema de Proteção Escolar, um conjunto de ações interdependentes, que visa disseminar e articular práticas voltadas à prevenção de conflitos no ambiente escolar.”

Todo professor participante passa por uma formação inicial obrigatória, que oferece as competências mínimas necessárias ao desempenho do projeto. Após essa formação inicial, o projeto é estruturado numa perspectiva de formação continuada, mediante a oferta de diferentes cursos que possam se adequar às particularidades de perfil desses educadores e também às diferentes realidades que permeiam as escolas públicas estaduais.

Para isso, o Sistema de Proteção Escolar se apoia amplamente em parcerias com diferentes instituições, como a Polícia Militar, o Ministério Público, o Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo e, neste caso, o Instituto Sou da Paz, que buscou proativamente esta colaboração e propôs uma estratégia em que acreditamos e buscamos difundir o protagonismo juvenil.

Nesta metodologia, é o próprio jovem que conduz a ação, que identifica os temas de interesse e que organiza a intervenção, de forma lúdica e mediante a liderança de um educador devidamente capacitado para conduzir esse processo, nesse caso, o Professor Mediador Escolar e Comunitário.

Esperamos que este material, elaborado a partir do conhecimento produzido durante a realização do **Diálogo com Teatro**, possa inspirar e aprimorar o trabalho dos educadores da rede estadual de ensino, aproximando-os de seus alunos e permitindo que os jovens apresentem sua visão sobre o cotidiano das escolas de forma descontraída e, ao mesmo tempo, profunda.



INTRODUÇÃO – O QUE É ESTE MATERIAL?



#1 BASTIDORES: REPERTÓRIO TEÓRICO E CONCEITUAL

Princípios da violência escolar

- O que é violência?
- O que é violência escolar?
- Por que a violência escolar existe?
- Quem é o autor da violência escolar?
- Violência escolar e a conduta da escola

Situações concretas de violência: conceito e prática

- Conflito
- Causas
- Responsáveis
- Encaminhamentos



#2 EM CENA: TEATRO COMO FERRAMENTA PREVENTIVA

O que é o projeto?

- Como essa metodologia é aplicada?
- Papel do professor
- Desafios do professor

Passo a passo: etapas de implementação do projeto

- Planejamento do projeto
- Estrutura dos encontros

Etapa 1 Mobilização

Etapa 2 Conversa sobre violência

- Jogo das imagens
- Jogo dos opostos
- Debate cênico

Etapa 3 Escolha da história

- Atividade para escolher o tema
- Atividade para elaborar a narrativa

Etapa 4 Construção da cena

- Problematização da narrativa
- Problematizar – conflito
- Problematizar – causas
- Problematizar – responsáveis
- Problematizar – encaminhamentos

Etapa 5 Finalizar a cena

Etapa 6 Debate na escola

Etapa 7 Avaliação



#3 ANEXOS

Anexos das atividades temáticas

- Debate cênico

Dicas de teatro: atividades e jogos teatrais

- Partilha
- Diário de bordo
- Jogos teatrais

Para se aprofundar: bibliografia e referências

INTRODUÇÃO

O QUE É ESTE MATERIAL?

Este material tem como objetivo oferecer uma metodologia para a prevenção da violência no ambiente escolar e tem como público-alvo os Professores Mediadores Escolares e Comunitários (PMECs) da rede estadual de ensino. A primeira parte (**Bastidores: repertório teórico e conceitual**) busca amparar o professor com princípios teóricos, oferecendo uma base conceitual que o ajudará a aplicar a metodologia apresentada na segunda parte do material (**Em cena: teatro como ferramenta preventiva**). Trata-se de uma metodologia que usa o teatro como ferramenta pedagógica para abrir um espaço de diálogo com os alunos e, assim, ampliar a visão de todos sobre violência escolar.

A primeira parte deste material se divide em dois momentos. Em **Princípios da violência escolar**, são apresentados conceitos gerais de violência escolar para compreender suas particularidades, motivações, envolvidos e implicações. Na sequência, **Situações concretas de violência: conceito e prática** traz referências conceituais pontuais e exemplos voltados para a análise de situações concretas de violência: como identificar o conflito, as causas, os responsáveis de uma situação e pensar o que pode ser feito após a situação e a quem cabe atuar.

A segunda parte oferece um passo a passo de como essa metodologia pode ser implantada na escola. Etapa por etapa, passamos por possibilidades de **Mobilização**, atividades que ajudam a **Conversa sobre violência**, o que envolve a **Escolha da história**, que será desenvolvida através da **Construção da cena**, até que o grupo consiga **Finalizar a cena**. Abordamos, ainda, como fazer o **Debate na escola**.

Na terceira parte, anexamos alguns textos que apoiam as duas primeiras, além de uma série de atividades teatrais que ajudam na integração e interação do grupo.

Este material contém, também, um vídeo que exemplifica a metodologia.

Vale frisar que, apesar de não ser o objetivo principal desta metodologia, percebemos que ela estava sendo usada em intervenções e/ou atendimentos de situações de violência escolar reais durante os ciclos de formação com os PMECs. Isso aconteceu porque o **Diálogo com Teatro** usa simulações de casos reais para, depois, teatralizá-las, tendo como finalidade ampliar a capacidade de análise de situações concretas de violência. Portanto, a adaptação que os PMECs acabaram por fazer deste conteúdo para o dia a dia na escola não era o nosso foco, mas revela a grande demanda que há por métodos para lidar com a violência escolar. O **Diálogo com Teatro** é um deles. E acreditamos que sua ênfase na prevenção é um importante recurso para tratar deste tema.

Boa leitura e bom trabalho!



#1 BASTIDORES: REPERTÓRIO TEÓRICO E CONCEITUAL

PRINCÍPIOS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR

Para começar, vamos tratar dos conceitos fundamentais, que dão as bases para entender como a violência atua como um todo e como isso se aplica ao contexto escolar.

O que é violência?

Quando as pessoas falam em violência, é muito provável que estejam se referindo a fenômenos bastante variados. Isso ocorre tanto pelo fato de a violência ser um fenômeno complexo, como por haver uma dose de subjetividade na interpretação de cada um.

Por isso, para conversar sobre esse assunto precisamos de um ponto de partida. Sem a pretensão de determinar um significado conclusivo para o termo violência, o Sou da Paz tem utilizado, ao longo de sua trajetória, uma definição geral amparada em diversos autores especializados no tema e na Organização Mundial da Saúde, que ajuda a entender e a identificar o fenômeno na maioria dos casos:

VIOLÊNCIA É UMA AÇÃO INTENCIONAL QUE PROVOCA DANO.

Essa definição traz três fatores que facilitam identificar a violência:

- **Ação** – ocorrência, atitude, comportamento ou omissão (falta de ação).
- **Intenção** – ação proposital, feita com consciência do que pode acarretar.
- **Dano** – prejuízo físico, emocional ou material causado a alguém.

O que é violência escolar?

É comum pensar que violência, escolar se refere a toda violência que acontece dentro da escola, mas a definição espacial não é determinante. Afinal, a violência escolar pode acontecer, por exemplo, na rua em frente ou no trajeto dos alunos à escola, num passeio programado pela instituição e até no espaço virtual das redes sociais.

Por outro lado, quando outras pessoas, sem relação com a escola, invadem o recinto escolar para praticar atos violentos, como tráfico de drogas e roubos, não podemos dizer que essa violência seja fruto da escola, pois está ligada à violência social como um todo.

Depois da nossa experiência com a escola, e para efeitos desse material, o que podemos afirmar é que a **violência escolar é aquela gerada a partir das relações provenientes da vida escolar. Ou seja, é aquela em que os envolvidos têm uma relação a partir do convívio promovido pela escola e a divergência entre eles tem alguma ligação com a escola.**

POR ESTA DEFINIÇÃO, mesmo quando uma briga acontece fora da escola, ela pode ser considerada violência escolar. Isso ocorre quando a relação entre os envolvidos se dá através da escola.

Por exemplo, uma briga entre mães de alunos que acontece na rua em que elas moram, mas o motivo principal da briga é algo que ocorreu na escola, com os filhos delas.

UMA LIMITAÇÃO desta definição é a violência institucional, em que a infraestrutura, a organização sociofuncional e/ou a qualidade do serviço prestado viola os direitos daqueles atendidos pela instituição, causando danos ainda que essa intenção não esteja sempre presente.

TODOS OS ATORES DA ESCOLA PODEM SER VÍTIMAS OU AUTORES DE SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA ESCOLAR

A violência escolar não possui vítimas e autores preestabelecidos. Isso significa que todos os atores da vida escolar – alunos, pais, professores, gestores e demais funcionários – podem ser vítimas ou autores de situações de violência.

Portanto, a violência escolar não é apenas aquela sofrida pela escola, contra seus representantes institucionais (professores e funcionários) ou em seu patrimônio físico. Ela pode também ser praticada pela escola, por meio de seus profissionais, ou no âmbito institucional, através de regras ou condições constrangedoras para os que estão submetidos a elas.

NEM TODOS OS PROBLEMAS DE CONVIVÊNCIA SÃO VIOLÊNCIA ESCOLAR

Os diversos problemas de convivência que ocorrem nas escolas se distribuem numa graduação que vai desde ações que perturbam o ambiente, passando por ações propriamente violentas, como as agressões, até chegar a situações mais extremas, quando há claramente um ato infracional (no caso de um menor de idade) ou um crime (no caso de um adulto). Diferenciar e identificar quais dessas ações podem de fato ser consideradas violentas não é uma tarefa simples.

Por um lado, existem atitudes claramente violentas quando os três fatores citados anteriormente (ação, intenção e dano) estão presentes, como, por exemplo, nos casos de agressões físicas, insultos e *bullying*.

Por outro lado, existem outros problemas de convivência, que deterioram o convívio e incomodam bastante no dia a dia, mas que não podem ser categorizados propriamente como violentos, justamente por terem outra natureza, como indisciplina e as incivildades.

Existe, ainda, uma zona intermediária, em que não é possível definir de pronto se essas ações são violentas ou não. Isso depende de uma análise do contexto em que elas aconteceram, em cima de um caso concreto e específico. Só um olhar individualizado para cada caso consegue indicar, por exemplo, se houve intenção de causar dano e/ou se esse dano foi significativo. Vamos ver na tabela abaixo alguns dos vários problemas de convivência que acontecem na escola, dispostos como se estivessem em uma escala decrescente de gravidade.



AÇÕES VIOLENTAS GRAVES



PROBLEMAS DE CONVIVÊNCIA

Transgressão às leis

(tráfico de drogas, porte de arma, assédio sexual)

Agressões físicas graves

(brigas, socos, chutes, *bullying*, ações violentas entre pares, repetidas e intencionais contra alvo específico, diante de espectadores)

Agressões verbais graves

(insultos, ofensas pessoais e discriminatórias etc.)

Destruição de bens materiais

(escola com patrimônio degradado e obsoleto, quebra de materiais e equipamentos da escola, furto de objetos da escola ou das pessoas que a frequentam)

Ameaça

(“copia logo, senão eu vou apagar a lousa”, “vou ter que chamar seus pais?”, “vou te pegar lá fora!”)

Transgressões

(cabular aula, falta frequente de professores, uso indevido de celular)

Agressões físicas leves

(brincadeiras agressivas, arremessar giz e outros objetos)

Agressões verbais leves

(xingamentos, apelidos)

Indisciplina

(infringir as regras estabelecidas, como usar celular em sala de aula, cabular aula, falta de pontualidade, ou as regras de convivência, como causar desordem, fazer barulho na hora da explicação, ficar levantando toda hora, jogar objetos, gargalhar e gritar em momento inapropriado)

Incivildades

(descortesia, fofocar, criar apelidos, comportamento irritante, ignorar propositalmente, conversas impertinentes, grosseria, interrupções)

AÇÕES PERTURBADORAS

As ações e as situações propriamente violentas acontecem em menor número, e os atos infracionais ou os crimes são ainda mais raros do que problemas de convivência menos graves como a indisciplina e a incivildade. O Registro de Ocorrências Escolares (ROE), ferramenta *on-line* da SEE em que diretores registram situações de indisciplina, violência e outras vulnerabilidades no ambiente escolar, assim como outras pesquisas da SEE e de sindicatos de professores, demonstram que a indisciplina e outros problemas de convivência de menor gravidade são prevalentes.

Por que a violência escolar existe?

Essa é uma questão que tem mobilizado educadores e pesquisadores no mundo inteiro. Muitos estudos e teorias estão sendo elaborados para tentar entender o que faz a violência escolar existir. Será que a violência escolar é reflexo da violência social, ou será que vem de uma suposta ausência de valores das famílias, ou então do despreparo da escola em entender a nova juventude, ou até da influência dos programas de TV e videogames de que os jovens tanto gostam?

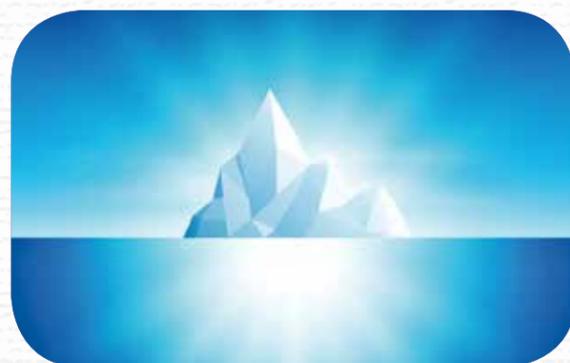
Várias dessas hipóteses podem ter fundamento, mas nenhuma consegue explicar de forma definitiva por que a violência escolar existe. Mesmo porque há uma variedade tão grande de tipos de violência – e de tipos de escola – que parece ser impossível encontrar uma causa que dê conta de tantas realidades distintas.

Logo, chegamos à conclusão de que a violência escolar é multifatorial, pois existem vários fatores conjunturais, culturais, sociais, econômicos, entre outros, para os diversos tipos de violência que afligem, em graus diferentes, cada escola.

É MUITO COMUM, dentro de uma só escola, existirem vários tipos de manifestações violentas ao mesmo tempo. Por isso é necessário lançar um olhar específico, analisando quais os fatores que influenciam cada situação de violência escolar.

O ICEBERG

Quando a gente olha a imagem de um iceberg boiando no mar, na verdade estamos vendo aproximadamente 10% de toda a sua massa.



Os outros 90% que estão embaixo da água não conseguimos ver, mas dão toda a sustentação para os 10% visíveis.

Acontece algo parecido com a violência escolar. Do lado de fora da água está tudo aquilo que percebemos, xingamentos, agressões, depredação, desrespeito etc.

Mas existe uma série de fatores que ficam debaixo da água, que são menos visíveis, mas que sustentam tudo aquilo que percebemos no dia a dia, como preconceito, intolerância, valorização da valentia, autoritarismo, afetividade possessiva etc.

Podemos incluir também todos aqueles fatores do primeiro parágrafo deste item, da violência social à banalização da violência pelos meios de comunicação e entretenimento.

Usando a imagem do iceberg ficaria mais ou menos assim:



Tudo isso que está debaixo da água são os fatores que contribuem para que a violência escolar exista.

São aspectos de nossa cultura, comportamentos, atitudes e símbolos que influenciam ações violentas. Além de aspectos de nossa organização social e econômica, como regras injustas e/ou autoritárias, espaços degradados, falta de recursos etc.

Quem é o autor da violência escolar?

Não podemos dizer que existe um único autor da violência escolar, pois ela pode ser fruto de ações e comportamentos de todos os envolvidos na vida escolar. Ela não é de autoria exclusiva de pais, alunos, professores ou do governo. É preciso afastar a ideia de “culpado” pela violência escolar e assumir o conceito de corresponsabilidade, em que cada um contribui a seu modo, ainda que em graus distintos.

Quando falamos de responsabilidade pela violência escolar, geralmente aparece uma polarização que coloca a escola e a família em campos opostos. Nesse debate discute-se muito a quem cabe transmitir valores para os alunos, acreditando que esse é o ponto decisivo para atenuar a violência escolar.

VALORES SÃO princípios fundamentais que norteiam nossas ações. É papel da escola transmitir os valores necessários à convivência democrática como respeito, justiça, igualdade e responsabilidade.

Essa é uma disputa pouco saudável, que evita a tomada de responsabilidade pelas duas partes. Ambas têm funções específicas e complementares na formação de valores das crianças, adolescentes e jovens, mas, como essas funções não são estanques (pois se influenciam mutuamente), a relação entre família e escola tem que evoluir para uma condição de **parceria**.

PARCERIA

Parceria acontece quando os envolvidos têm interesses em comum, estabelecendo negociações coletivas com partilha de compromissos e responsabilidades entre si. Considerando que a escola e a família pretendem favorecer a educação das crianças e dos jovens, pode-se dizer que uma parceria de fato traria benefícios para ambos.

De todo modo, é importante destacar que, mesmo que de forma compartilhada com a família, a construção de valores necessários para o convívio em sociedade deve ser foco total de atenção e responsabilidade da escola, sendo imprescindível assegurar a necessidade do respeito à diferença e à diversidade, com atenção ao cumprimento dos direitos humanos.

LEMBRAMOS QUE é impossível a escola não transmitir valores. Durante a convivência, ainda mais na relação aluno-professor, há um intercâmbio natural de valores. Quando se estabelece uma regra, ou faz-se uma correção de comportamento, ou mesmo numa brincadeira, valores são transmitidos.

Violência escolar e a conduta da escola

A escola precisa ter princípios claros, objetivos e transparentes para fundamentar suas ações no que se refere a situações de violência. Espera-se que a escola seja coerente nas suas atitudes, tratando exemplarmente a todos com respeito, igualdade e justiça. Podemos destacar ainda outros três princípios fundamentais:

PROPORCIONALIDADE

Diante de uma situação de violência, a intensidade da reação da escola deve ser adequada ao ato praticado, do mais leve ao mais grave. E, para todos esses, a escola precisa ter princípios norteadores para cada proposta de intervenção. Classificar a gravidade de uma ação indesejável ou violenta não é sempre fácil e imediato, mas é possível – e necessário – construir critérios.

Assim como existe uma diversidade de problemas de convivência, a escola deve ter estratégias distintas para cada uma delas. Desde realizar projetos preventivos, para conflitos que não se tornaram violentos, passando por responsabilizar e aplicar sanções em casos de situações violentas (com ênfase na restauração dos danos), até acionar a rede de proteção social (equipamentos de saúde, conselho tutelar, forças de segurança etc.) em situações em que haja a necessidade da atuação complementar dessas instituições.

O sentido de intervenção da escola deve ser o de responsabilizar os envolvidos pelos atos praticados. Aplicar sanções de forma automática e indiscriminada, que não guardam relação com a ação praticada e não se apoiam em regras legitimadas, não contribui para que o aluno entenda qual é a real dimensão de sua responsabilidade em relação ao comportamento pelo qual está sendo repreendido.

PARTICIPAÇÃO NA ELABORAÇÃO DE REGRAS E COMBINADOS

A construção das normas que orientam quais comportamentos, atitudes e ações são desejáveis e quais não são aceitáveis deve ser participativa. Ou seja, os alunos devem ser envolvidos na sua elaboração ou revisão.

Quando os alunos participam dessa construção, aumenta a percepção das razões das regras existirem e serem respeitadas. As regras passam por um processo de legitimação e isso aumenta sua eficácia. É mais provável que o aluno se sinta impelido a infringir uma regra que ele não entende ou com a qual não concorda.

Isso não significa que cabe inteiramente aos alunos decidir sobre as normas de convivência e as consequências de suas infrações. A escola não pode abdicar de sua autoridade e liderança na criação dessas regras, o que não significa impor normas de forma autoritária.

Essa construção coletiva e combinada dos critérios de comportamento pode ser introduzida aos poucos, de acordo com a faixa etária dos alunos, aumentando na mesma proporção em que ganham autonomia e compreensão dessa responsabilidade.



VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL

Mesmo que seja vítima de ações violentas, a escola e os seus profissionais têm o dever institucional e, principalmente, pedagógico, de não reagir de forma violenta, com gritos, ameaças ou outras posturas violentas.

A escola também deve cuidar para não ser propulsora de violência, isto é, por meio de sua força institucional, promover o constrangimento de alunos e familiares. Isso se aplica tanto para um professor que se vale de sua posição para apelidar um aluno de forma desdenhosa ou ameaça apagar a lousa se os alunos não copiarem mais rápido, como para gestores que impõem regras excessivamente rigorosas de vestimentas (desconectadas da realidade dos alunos) ou, ainda, para um diretor que nega uma vaga que está de fato disponível.

A escola deve ter princípios claros de convivência que devem ser do conhecimento de todos. E ela deve ser a guardiã desse compromisso, seguindo-o de maneira exemplar.



SITUAÇÕES CONCRETAS DE VIOLÊNCIA: CONCEITO E PRÁTICA

Neste item vamos tratar de conceitos mais próximos da prática, que dão subsídios para analisar situações concretas de violência e ponderar sobre a resolução adequada a elas. São eles: Conflito, Causas, Responsáveis e Encaminhamentos.

Definições e descrições claras acerca desses conceitos são necessárias para que o professor desenvolva com confiança o projeto de intervenção na escola através do teatro. No capítulo em que a metodologia é apresentada, o professor obterá dicas práticas de como identificar cada uma delas.

Cada situação de violência escolar é complexa e singular, ou seja, resulta de uma combinação de fatores num arranjo específico. Logo, o primeiro passo é entender o que aconteceu, fazer um diagnóstico da situação.

Identificando o CONFLITO

Conflito é a divergência de ideias, interesses e/ou necessidades que desestabilizam uma relação, criando um sentimento de oposição entre os envolvidos. O conflito é natural, surge a partir de qualquer interação social e a escola é um local privilegiado para trabalhá-lo, já que é, por excelência, um espaço de convivência e aprendizagem. Vamos ver os tipos e exemplos de conflitos de:



IDEIAS

Quando pensar de maneira diferente desestabiliza uma relação.

EXEMPLO: Kleber acha que, se alguém "dá em cima" da namorada do cara, tem que apanhar. Mas Anderson acha que, se a namorada do cara "deu mole", quem está errada é ela.



INTERESSES

Quando querer coisas distintas desestabiliza uma relação.

EXEMPLO: Karen quer que Andreia dê mais atenção a ela porque são melhores amigas desde a 3ª série. Mas Andreia quer conhecer melhor a menina nova porque ela parece ser bem legal.



NECESSIDADES

Quando precisar de coisas diferentes desestabiliza uma relação.

EXEMPLO: Guilherme precisa tirar uma nota boa no trabalho para passar de ano. A professora precisa dar uma nota baixa porque o trabalho dele não apresenta o resultado esperado.

É PRECISO DIFERENCIAR VIOLÊNCIA DE CONFLITO

A maior diferença entre violência e conflito é a presença de dano. O sentimento de oposição gerado pelo conflito não origina um dano significativo nem pressupõe intenção dos envolvidos em causar algum prejuízo ao outro. O conflito é um estado de divergência que pode desembocar em uma ação violenta, mas também pode ser resolvido de maneira pacífica.

OBSERVE QUE:

1. Numa situação de **CONFLITO, NÃO HÁ VIOLÊNCIA**.
2. Um conflito na escola tem sempre, pelo menos, duas pessoas envolvidas.
3. Algumas palavras-chave ajudam a identificar um conflito:
 - a. O Kleber e o Anderson **ACHAM** coisas distintas. Ou seja, eles têm ideias diferentes.
 - b. A Karen e a Andreia **QUEREM** coisas opostas. Ou seja, elas têm interesses diferentes.
 - c. O Guilherme e a professora **PRECISAM** de coisas distintas. Ou seja, eles têm necessidades diferentes.

Considerando que agora estamos tratando de situações de violência, vamos analisar os principais fatores que influenciam a sua ocorrência.

Identificando as CAUSAS

Causas são os fatores que influenciam determinados comportamentos e contribuem para que uma ação ou situação violenta aconteça. Para entender as causas de uma situação concreta de violência escolar, é preciso analisar quando e como as coisas começaram de fato. Geralmente essa circunstância aparece quando já está deflagrada, mas muitas vezes o fato que a gerou está em algum lugar do passado, submerso tal qual a base do *iceberg* (veja página 12).

BRIGAS TÊM CAUSAS ANTERIORES, COMO SE AFIRMAR PERANTE A TURMA

É fundamental tentar conhecer as causas de uma situação de violência e buscar resoluções que atuem sobre elas. Se agirmos apenas sobre o efeito, nesse caso a briga, o mais provável é que ela volte a acontecer. Vamos ver como funcionaria uma mudança na causa:

A SOLUÇÃO DEVE ATUAR SOBRE AS CAUSAS, COMO A OPINIÃO DA TURMA

O fato de todo mundo sempre rir quando um aluno tira sarro do outro, estimula o primeiro a continuar com o seu comportamento, o que tende a provocar novos conflitos, que podem gerar outras situações de violência.

Se um aluno discrimina o outro por sua etnia, um dos fatores que contribuem para esse comportamento existir é o racismo. Se a discriminação é pela condição social, um fator de influência é a desigualdade socioeconômica.

OBSERVE QUE:

1. Uma situação de violência dificilmente será explicada por apenas **UMA CAUSA!**
2. É comum confundir **CAUSAS** com **RESPONSÁVEIS**. Para diferenciar, é sempre bom lembrar que responsáveis são as **PESSOAS** que contribuíram para a situação.
3. As causas nos ajudam a entender o que levou os envolvidos a agirem como agiram, mas elas não servem para excluir as **RESPONSABILIDADES** de cada um.

QUAL A DIFERENÇA ENTRE CAUSA E CONFLITO?

O conflito é uma das causas geradoras de situações violentas. Por ser um dos principais fatores, o conflito é muitas vezes interpretado como sendo a causa de uma violência. Mas o conflito é o sentimento de oposição suscitado por uma divergência que pode vir a gerar uma situação de violência, principalmente se for acompanhado de outros fatores (causas), como acabamos de ver.



VAMOS ENTENDER NA PRÁTICA. VEJA O EXEMPLO:

Os meninos do 1º B ficam pressionando o Ricardo a não deixar quieto o desaforo de João, que o menosprezou por ser negro, pobre e gordo. Ricardo aproveitou uma aula vaga para bater em João.

ALGUNS FATORES QUE INFLUENCIAM O COMPORTAMENTO DOS ENVOLVIDOS

- **A pressão que Ricardo sofre dos amigos para defender sua honra de modo violento.**
- **O preconceito e o racismo de João ao menosprezar o Ricardo por ele ser negro, pobre e gordo.**
- **A falta de professores, levando à aula vaga e à supervisão precária dos alunos.**
- **A desigualdade social que provoca a diferença de renda entre os pais dos alunos.**

Identificando os RESPONSÁVEIS?

No contexto da violência escolar, a palavra “responsável” pode ter duas interpretações. Uma mais ligada ao passado, ajudando a entender quem contribuiu para uma situação de violência acontecer, e outra mais ligada ao futuro, ajudando a identificar quem deve agir quando uma situação de violência escolar acontece. Para essa segunda interpretação utilizaremos o termo “implicado” em vez de responsável, no sentido de analisar e identificar quem deve atuar na solução e encaminhamento de uma situação de violência.

Vamos analisar as duas perspectivas:

QUEM CONTRIBUI PARA UMA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR EXISTIR?

Essa pergunta nos ajuda a descobrir quem foram as pessoas cujas atitudes e comportamentos tiveram alguma influência na situação de violência. Geralmente existem vários responsáveis, envolvidos direta ou indiretamente, cuja influência pode variar tanto em qualidade quanto em intensidade.

Vejamos os responsáveis diretos e indiretos do exemplo utilizado na página anterior:



DIRETOS	INDIRETOS
<ul style="list-style-type: none"> • Nessa situação, é fácil definir que os responsáveis diretos são João e Ricardo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Os amigos que incentivaram a ação violenta. • Os responsáveis pela falta de professores (professor/escola/sistema de ensino). • Os adultos que colaboraram para a formação racista/preconceituosa de João. • Os adultos que formaram Ricardo para que ele se defendesse de modo violento. • Outros adultos que testemunharam as atitudes de João e não fizeram nada para interromper isso.

OBSERVE QUE:

1. Uma situação de violência dificilmente será explicada por apenas UM RESPONSÁVEL!
2. Os responsáveis indiretos não necessariamente precisam estar presentes na hora em que a situação de violência está acontecendo.
3. É comum que quem testemunhe uma situação também tenha algum grau de responsabilidade, mas é preciso verificar se a testemunha influenciou ou não a situação.



Vejam as diferentes gradações de responsabilidade de cada um dos envolvidos:

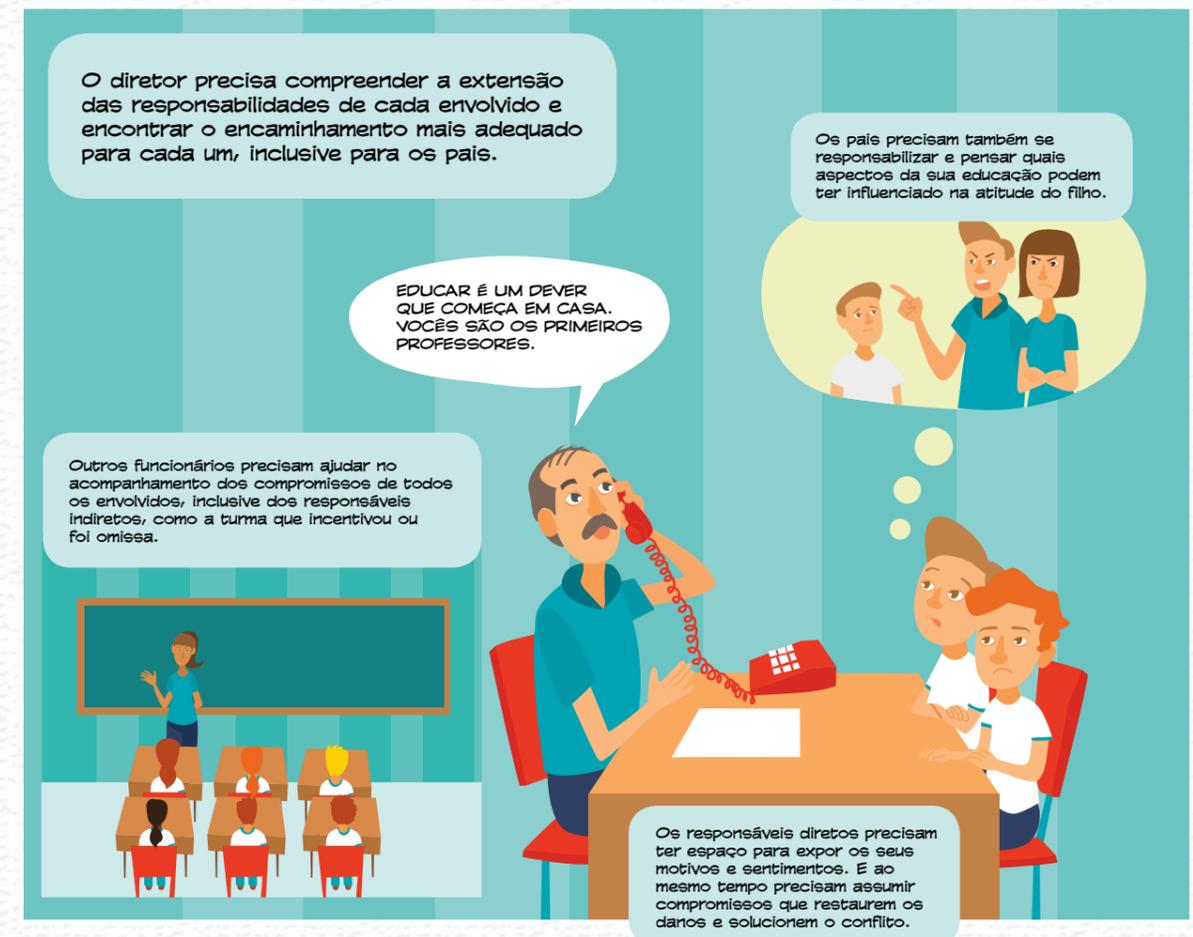


A QUEM CABE ATUAR DIANTE DE UMA SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA ESCOLAR?

Essa pergunta nos ajuda a pensar em quem está implicado em colaborar nas tratativas após uma situação de violência acontecer. Acreditamos que vários atores têm essa responsabilidade: os envolvidos diretos, que devem se comprometer na restauração dos danos possivelmente causados; os envolvidos indiretos, que podem contribuir através da mudança de comportamentos e atitudes para que a tal situação não volte a acontecer, deixando de influenciar os envolvidos diretos; e ainda um grupo que está implicado automaticamente por ter uma responsabilidade intrínseca, como, por exemplo, a gestão escolar (responsável pelo que acontece na escola) e os pais (responsáveis pelo aluno).

Vamos ver como seria a implicação usando como exemplo a situação anterior.

Nas duas perspectivas, responsabilidade e implicação são múltiplas, ou seja, de várias pessoas ao mesmo tempo. Portanto, em vez de buscar culpados, deve-se caminhar no sentido da **CORRESPONSABILIZAÇÃO**. É claro que cada um deve ser responsabilizado ou implicado na medida de sua influência.



Possibilidades de ENCAMINHAMENTOS

Depois de analisar situações de violência escolar, devemos pensar o que fazer quando estivermos diante delas ou depois que já tenham acontecido. Claro que o ideal é trabalhar para evitá-las, mas é esperado que mesmo assim elas ocorram. Nesse sentido, existem duas dimensões que ajudam a nortear a atuação da escola e seus profissionais: responsabilizar e restaurar.

RESPONSABILIZAR

Geralmente numa situação de violência não temos um "único culpado", e sim responsáveis em graus diferentes. Os envolvidos contribuem de modos e intensidades distintos para a situação e cada um deve ser responsabilizado de acordo com o seu ato. Para realizar uma intervenção justa e equilibrada, precisamos individualizar o olhar, sem perder a visão do todo. Responsabilizar é diferente de culpar ou punir. Mesmo quando sabemos claramente quem é o agressor, responsabilizar é **ajudá-lo a compreender o dano causado e como isso afetou as outras pessoas. Além de levá-lo a refletir que outras opções ele tinha para reagir ou lidar com determinada situação.**

FICA A SENSAÇÃO de injustiça tanto quando um excesso de responsabilidade recai sobre uma pessoa em uma situação da qual vários participaram, como quando vários são responsabilizados por uma ação cometida por poucos.

RESTAURAR

Restaurar nada mais é do que restabelecer o equilíbrio das coisas e das relações.

O primeiro passo da restauração é identificar o dano causado. O que é mais fácil no caso de danos materiais, já que se trata de elementos perceptíveis, como um celular roubado, uma prova rasgada, um machucado etc. Nesse sentido, restabelecer o equilíbrio seria devolver o que foi subtraído, consertar o que foi quebrado ou substituir um objeto perdido.

Agora, restabelecer as relações é algo mais complexo. Como se restaura a dignidade ferida, por exemplo, com vídeos íntimos expostos, uma amizade rompida ou em casos de humilhação, como se restaurará a confiança?

Especialmente nesses casos, o processo de restauração deve dar espaço para que todos os envolvidos expressem a sua insatisfação e digam o que esperam como resolução. Então, a partir do diálogo, procura-se chegar a um consenso acerca de como o equilíbrio pode ser restabelecido, para que todos estejam confortáveis e se sintam contemplados com o desfecho. O sentido de justiça deve valer para todos e não apenas para as vítimas.

QUANDO AGIR?

EXISTEM JÁ muitas experiências de práticas restaurativas e círculos restaurativos feitos em escolas no Brasil e no exterior. Procure saber mais: <http://bit.ly/1lujH9>

OBSERVE QUE:

1. Devem-se ampliar as possibilidades de encaminhamentos, extrapolando as alternativas exclusivamente punitivas que na prática só reforçam um círculo vicioso de violência/punição.
2. Os encaminhamentos devem agir na causa do problema e não apenas nos efeitos. Só assim ele não tenderá a se repetir.
3. É necessário também pensar de forma criativa e justa para elaborar formas alternativas de encaminhamentos que sejam eficientes para fazer com que a situação violenta não volte a acontecer.

QUANDO AGIR?

O trabalho sobre a violência escolar é permanente e os profissionais da escola devem se planejar para atuar em diversos níveis ao mesmo tempo:

A PREVENÇÃO necessita de uma análise prévia, que responda a pelo menos algumas dessas perguntas:

- **Diagnosticar e elencar prioridades** – O que mais afeta a aprendizagem? O que causa mais danos? Do que os alunos mais reclamam?
- **Agir estrategicamente** – Existem situações recorrentes? Foi uma ocorrência eventual ou acontece com frequência? Existe um fator que influencia várias situações distintas? Tem um comportamento ou valor específico que é comum a muitas pessoas e que sempre acaba resultando em situações violentas? (como ciúme, por exemplo)
- **Planejar ações que estejam ao seu alcance** – O que eu posso fazer? Essa intervenção está ao meu alcance, é algo que eu tenho como garantir que vai acontecer do começo ao fim? Ou precisarei firmar parcerias com outras pessoas para conseguir viabilizar? É possível estabelecer essas parcerias?

Imediatamente – para interromper e minimizar danos quando uma situação de violência estiver em curso.

No curto prazo – para cuidar das fases de responsabilizar e restaurar os danos.

No médio prazo – para monitorar os desdobramentos e consequências da situação de violência, bem como para observar se o evento não está se repetindo, se os pactos estão sendo mantidos e se as relações estão sendo de fato restauradas.

No longo prazo – para manter sempre abertos espaços de diálogo com os alunos para combinar e recombinar regras pactuadas.

ANTES DE ACONTECER

Sempre que possível, atuar antes das situações de violência acontecerem. Isso pode parecer “um trabalho a mais”, investir tempo em algo que ainda não aconteceu, mas lembre-se de quanto se gasta de tempo e energia quando as situações violentas “explodem”, sem contar o desgaste emocional. O tempo investido em prevenção é valioso.



#2 EM CENA: TEATRO COMO FERRAMENTA PREVENTIVA

O QUE É O PROJETO?

O projeto é uma proposta que usa a linguagem teatral para os professores realizarem atividades com os alunos no ambiente escolar. Tem como objetivo criar um espaço de diálogo franco sobre situações de violência que acontecem no dia a dia, buscando a construção de soluções coletivas e pacíficas. E prevê como resultado a criação de uma cena teatral sobre violência escolar e sua apresentação na escola.

O projeto é baseado em uma metodologia participativa, isto é, professor e alunos podem contribuir com opiniões, ideias e experiências. O professor orienta o processo, através da problematização, conceito criado com o objetivo de qualificar o diálogo sobre violência escolar e que pressupõe que todos devem ser ouvidos e possam expressar a sua perspectiva sobre o assunto. Para isso elaboramos essa técnica de diálogo, facilitada por um professor e criada a partir de uma série de perguntas. Falaremos mais sobre isso na etapa 4, **Construção da cena**

Como essa metodologia é aplicada?

Ela foi pensada para acontecer de forma simples, rápida e adequada ao cotidiano escolar. O apoio de todos – direção, coordenação pedagógica e professores – é fundamental para o seu pleno desenvolvimento.

Os jovens, com sua força criativa em ação, são corresponsáveis pelo andamento do projeto junto com o professor, que vai orientar e mediar esse processo.

• Montar a turma

É o momento de se aproximar dos jovens e instigá-los a participar! O importante é que a turma se sinta à vontade e motivada pela metodologia.



• Realizar atividades

Em encontros periódicos, a turma realiza atividades que estimulam o diálogo sobre violência escolar de um modo lúdico e participativo.



• Criar uma história e teatralizá-la

Nessa etapa, os jovens escolhem um tema relacionado a situações de violência que acontecem no cotidiano de sua escola e criam uma história que será a base para a elaboração de uma cena teatral.



• Apresentar a cena e debater com a escola

A turma apresenta para o restante da escola a cena teatral que elaborou. Esse é o ponto de partida para o debate sobre violência escolar, envolvendo alunos, professores, funcionários e responsáveis pela gestão escolar.



É claro que tudo isso demanda trabalho e dedicação do professor. Mas esse processo se configura como uma estratégia fundamental para prevenir e diminuir as ocorrências de violência escolar, pois se debruça antecipadamente sobre temas que podem provocar situações violentas recorrentes, as quais consumiriam ainda mais energia e muitas horas de trabalho de vários profissionais da escola.

Essa metodologia foi formatada para alunos do Ensino Médio, mas suas atividades podem ser adaptadas para outras faixas etárias.

Papel do professor

Cabe ao professor atuar no primeiro momento como um propulsor, incentivando a participação de alunos e alunas. Em seguida ele assume a função de problematizador e facilitador, mediando a discussão e as decisões que os alunos devem tomar para construir sua história. A responsabilidade pela criação da história e da cena e a organização do projeto deve ser compartilhada com os alunos.

O PROFESSOR TERÁ COMO PRINCIPAL PAPEL SER O PROBLEMATIZADOR DO PROJETO.

O QUE ISSO SIGNIFICA?

Que cabe ao professor estimular o aluno a refletir de forma crítica a partir das ideias que ele traz. Ou seja, o professor vai mediar as diferentes opiniões dos alunos e conciliá-las. Será muito mais um orientador/mediador do que um “diretor” do projeto.

POR QUE É ASSIM?

Porque o objetivo é ampliar a visão do aluno sobre um determinado tema e isso só vai acontecer se ele estiver à vontade para expressar as suas opiniões mais sinceras. O professor precisa tomar cuidado para não impor seus próprios valores, porque isso pode restringir o debate e intimidar e/ou afastar os alunos. Outro risco é os alunos falarem somente “o que o professor quer ouvir”, tornando o debate raso e reduzindo o impacto do projeto.

COMO PROBLEMATIZAR?

Por meio de perguntas. Da página 44 à 49 detalharemos a técnica da problematização, que basicamente consiste em fazer uma série de questões para explorar um determinado tema.

Para ilustrar como essa técnica funciona na prática, produzimos um vídeo que integra este material.

Desafios do professor

IDENTIFICAR UM PROBLEMA ESPECÍFICO

Detectar qual é o problema, as suas características e diferenciá-lo de outros problemas. É normal que o grupo de alunos queira falar sobre a violência escolar como um todo ou sobre vários temas ao mesmo tempo. É importante que o grupo trabalhe de maneira objetiva, escolhendo um tema específico e ampliando a sua visão durante o processo.

EXEMPLO: brigas que surgem na Educação Física, ou brincadeiras violentas na hora do recreio, conflito entre a turma e um professor, ou brigas entre meninas por causa de namorado.

AMPLIAR A VISÃO SOBRE O PROBLEMA

Identificar e compreender a multiplicidade de fatores que contribui para uma situação de violência existir. Há uma tendência de procurar um único fator para explicar a violência, como um único agressor ou uma só vítima. É preciso que o professor atue de forma a expandir o olhar dos alunos.

EXEMPLO: a briga aconteceu porque (i) fulano sempre causa confusão, (ii) sicrano ficou de fora provocando, (iii) não tinha ninguém supervisionando a aula vaga, (iv) a turma toda ficou gritando “briga, briga, briga”.

ASSOCIAR O PROBLEMA À REALIDADE

Identificar semelhanças entre uma situação ou tema e a vida do aluno. Ajuda a compreensão quando o aluno consegue ligar um tema com a sua realidade. É interessante também exercitar como eles se comportariam se estivessem no lugar de outra pessoa.

EXEMPLO: compreender como um valor aparentemente abstrato, como o racismo, acontece concretamente no cotidiano da escola, como nas brincadeiras e apelidos.

PERCEBER AS CONSEQUÊNCIAS DO PROBLEMA

Supor quais serão os efeitos a curto e longo prazo de uma ação ou atitude. É importante entender como as ações se encadeiam umas nas outras, muitas vezes provocando uma situação mais grave do que o autor inicialmente pretendia.

EXEMPLO: compreender que deixar um conflito sem solução pode fazer com que ele estoure de modo violento no futuro. Como quando um professor só separa a briga, sem tentar solucionar o desentendimento entre os envolvidos, e eles voltam a brigar na saída.

EXPLORAR FORMAS DE LIDAR COM O PROBLEMA

Pensar intervenções que possam prevenir e/ou restaurar os danos causados. Aqui, mais importante do que chegar no certo e errado é levantar hipóteses e discutir os prós e contras de cada ideia de resolução.

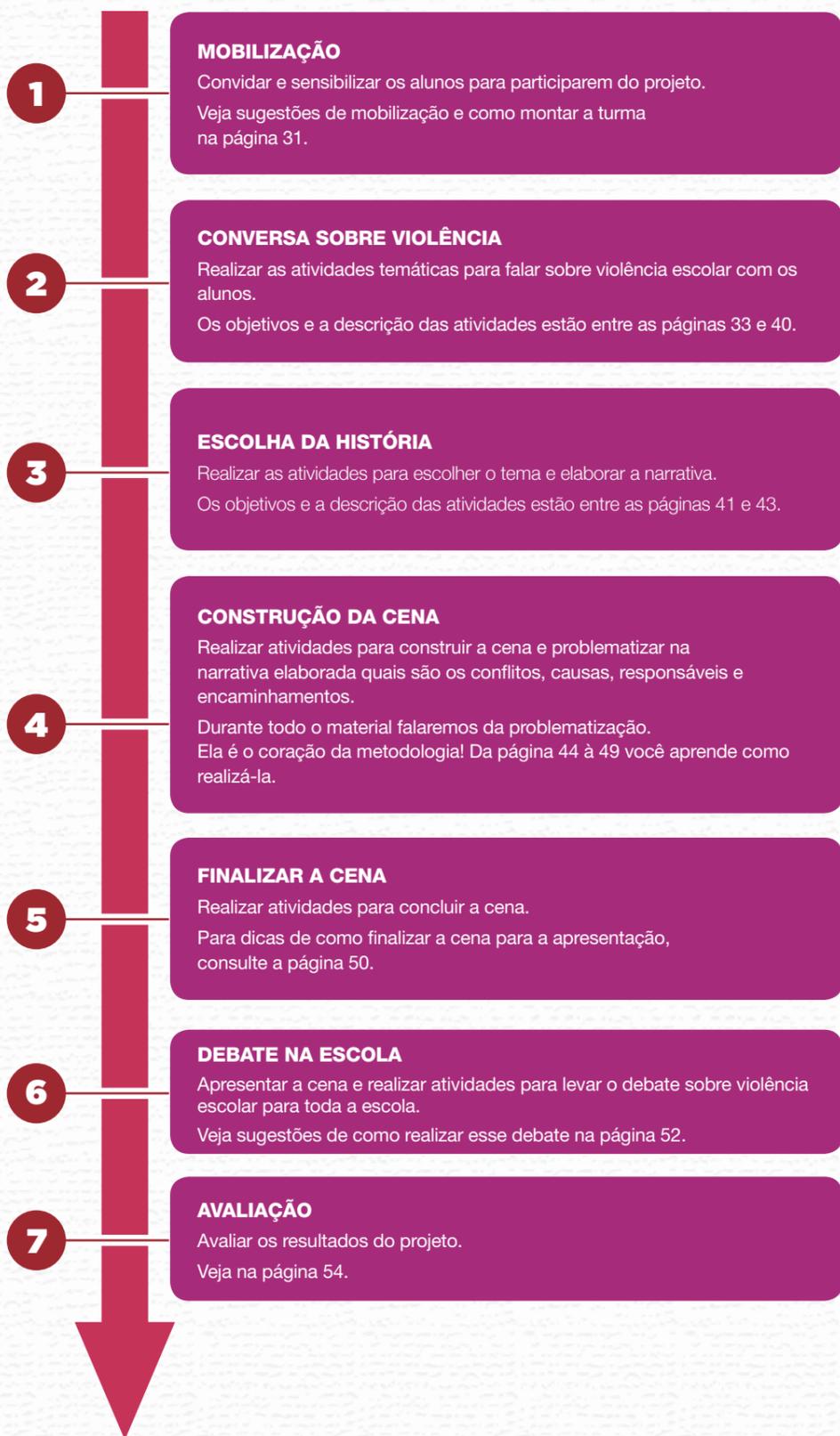
EXEMPLO: o que podemos fazer no caso de um celular que sumiu na classe? Vamos revistar todas as mochilas? Vamos procurar juntos? Vamos deixar o aluno falar da importância que o celular tem pra ele? Vamos fazer uma vaquinha e comprar outro? Vamos acusar o menino que sempre provoca seus colegas?

Ao investigar esse cenário precisamos lembrar de alguns aspectos importantes:

Abstração – É necessário ampliar o olhar para descobrir a causa/conflito principal, mas também é importante apurar e cuidar dos conflitos secundários. Quem teve responsabilidade indireta ou é uma vítima indireta desta situação? Ou quais são as causas de fundo que influenciaram o comportamento das pessoas, tais como o racismo, a homofobia, a afetividade possessiva.

Subjetividade – Na apuração do que aconteceu, sempre são coletadas versões da história, o que não significa necessariamente que alguém esteja mentindo. É esperado que apareçam versões conflitantes já que cada um teve uma experiência e perspectiva particular dos fatos.

PASSO A PASSO: ETAPAS DE IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO



Planejamento do projeto

Você deve fazer um planejamento inicial pensando qual o tempo total de que dispõe para realizar o projeto, desde a Mobilização (ETAPA 1) dos alunos até a Avaliação (ETAPA 7) do projeto. Esse tempo pode variar bastante, de três meses até um ano. Dependerá da realidade de cada escola.

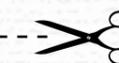
Qual o **TEMPO TOTAL** de que dispõe ___ semanas para realizar o projeto?
De ___/___/___ a ___/___/___

Para realizar o projeto você deve ter encontros periódicos com o grupo de alunos mobilizados. Defina uma periodicidade para os encontros – por exemplo, uma ou duas vezes por semana, no contraturno etc.

Em seguida, planeje quanto tempo vai gastar com cada etapa e de quantos encontros precisará para realizá-las. A tabela a seguir pode ajudar.

Planejamento do projeto

	SEMANA 1	SEMANA 2	SEMANA 3	SEMANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7	SEMANA 8	SEMANA 9	SEMANA 10	SEMANA 11	SEMANA 12
1 MOBILIZAÇÃO												
2 CONVERSA SOBRE VIOLÊNCIA												
3 ESCOLHA DA HISTÓRIA												
4 CONSTRUÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA CENA												
5 FINALIZAR A CENA												
6 DEBATE NA ESCOLA												
7 AVALIAÇÃO												



Estrutura dos encontros

Depois da Mobilização (ETAPA 1), você tem um grupo fechado para trabalhar e passará a realizar ENCONTROS PERIÓDICOS em todas as etapas seguintes até o produto final. Prepare-se!

É importante que você planeje cada encontro para otimizar o tempo e realizar o projeto de forma continuada.

Sugerimos uma mesma estrutura para organizar os encontros, variando apenas a atividade principal de acordo com a ETAPA em que você está do projeto.

<p>DIÁRIO DE BORDO (5 MIN)</p>	<p>O que é? Um caderno coletivo onde os participantes devem relatar as atividades realizadas, suas sensações e percepções em cada encontro. Músicas, poesias, desenhos e outros materiais pertinentes como registro são bem-vindos! O encontro começa com a turma em roda enquanto um dos participantes lê seu relato da aula anterior. Ao final, um novo participante leva o diário para casa para fazer o seu registro. (Saiba mais nos anexos – página 59)</p>
<p>AQUECIMENTO (10 MIN)</p>	<p>Dinâmicas e jogos teatrais variados para colocar a turma em sintonia antes do trabalho. Integrar, descontrair, concentrar são as palavras-chave! Após a leitura do diário, proponha um ou dois jogos de aquecimento. No final desse material, há uma relação de jogos que podem ser usados. (Saiba mais nos anexos – página 59)</p>
<p>ATIVIDADE PRINCIPAL (30 MIN)</p>	<p>É a parte mais importante do encontro. A cada aula você deve realizar uma atividade principal diferente, que vai variar de acordo com a etapa do projeto em que você está: ETAPA 2 – CONVERSA SOBRE VIOLÊNCIA: Realize as atividades temáticas. (Saiba mais na página 33) ou ETAPA 3 – ESCOLHA DA HISTÓRIA: Realize as atividades para escolher o tema e elaborar a narrativa. (Saiba mais na página 41) ou ETAPA 4 – PROBLEMATIZAÇÃO DA CENA: Realize as atividades de problematização da narrativa a partir do conflito, causas, responsáveis e encaminhamentos. (Saiba mais na página 44) ou ETAPA 5 – FINALIZE A CENA e ensaie! Reserve pelo menos dois encontros para repetição da cena inteira. (Saiba mais na página 50)</p>
<p>PARTILHA (5 MIN)</p>	<p>Roda de conversa em que cada um expõe o que achou e sentiu no encontro. Realize a partilha como encerramento de cada encontro. Veja como funciona no final do material. (Saiba mais nos anexos – página 58)</p>

ETAPA 1: MOBILIZAÇÃO

O trabalho começa com você chamando um grupo de alunos para participar do projeto. Você pode tanto convidá-los, deixando que a participação seja voluntária, quanto convocá-los para este fim específico. Lembre apenas que é fundamental que os alunos se sintam interessados em participar do projeto. O número de integrantes e quem serão esses alunos fica a seu critério.

DICAS:

- Leve em conta a sua experiência (e a de outros professores) em projetos realizados anteriormente na escola que deram certo.
- Faça uma articulação com a direção e a coordenação, sempre mantendo todos informados sobre o andamento do projeto.
- Tente criar grupos com igualdade de gênero (número equivalente de meninas e meninos).



TIPOS DE MOBILIZAÇÃO: ESCOLHA COMO FAZER

TIPOS	CARACTERÍSTICAS	PONTOS DE ATENÇÃO
<p>TURMA FECHADA Realizar o projeto com alunos de uma mesma sala de aula. Ex.: os alunos do 1º B.</p>	<p>É mais fácil reunir o grupo para os encontros e realizar o projeto no turno escolar.</p> <p>Uma turma inteira, com 30/40 alunos, pode ficar muito grande para trabalhar.</p> <p>A turma tende a ser mais integrada e pode ter mais segurança para compartilhar suas opiniões.</p>	<p>Pode haver alunos que não estejam interessados no projeto ou não se sintam à vontade com a metodologia (que trabalha com teatro). Caso isso aconteça, lembre-se de que nem todos os alunos precisam estar em cena, alguns podem ser responsáveis por escrever as cenas, outros pelo figurino etc.</p> <p>É possível que se estabeleça uma dinâmica interna viciada que já é própria desse grupo. Exemplo: alunos estigmatizados pela turma ou alunos líderes que monopolizam a fala. Caso isso aconteça, tente quebrar essa lógica, utilize esses conflitos como objeto de debate nos encontros.</p>
<p>TURMA ABERTA Realizar o projeto com alunos de anos e classes diferentes que tenham manifestado interesse.</p>	<p>Como tiveram que manifestar interesse, é mais provável que sejam dedicados às atividades.</p> <p>É comum que os próprios interessados mobilizem outros alunos para participar.</p> <p>É mais difícil reunir o grupo para os encontros no turno escolar.</p> <p>Para chamar os alunos, você pode: passar de sala em sala, contar sobre o projeto e ver quem se interessa; escolher ou pedir indicação de professores com base em alguns critérios.</p>	<p>É mais fácil reunir o grupo para os encontros e realizar o projeto no turno escolar.</p> <p>Uma turma inteira, com 30/40 alunos, pode ficar muito grande para trabalhar.</p> <p>A turma tende a ser mais integrada e pode ter mais segurança para compartilhar suas opiniões.</p>

CrITÉRIOS para convidar alunos para TURMA ABERTA

Durante os dois anos de implementação do projeto, vimos professores adotando diversos critérios para montar as turmas. A escolha dos critérios cabe ao professor, já que ele conhece bem a dinâmica da sua escola, mas existem prós e contras nessa escolha. A tabela abaixo pode ajudar na decisão:

CRITÉRIOS	CARACTERÍSTICAS
Alunos ou turmas com histórico de indisciplina, envolvidos em situações de violência ou conflito escolar e/ou com alguma dificuldade curricular	Permitirá debater questões concretas que os atingem diretamente, enriquecendo o projeto e ampliando o debate na escola. Caso você utilize esse critério, preste atenção para que a participação deles não pareça um castigo e acabe aumentando a estigmatização desses jovens na escola. Por outro lado, o envolvimento no projeto pode ajudá-los a descobrir novas habilidades e, inclusive, reverter uma eventual imagem negativa.
Alunos ou turmas com melhores notas, comportamento e/ou maior afinidade com você	Você provavelmente se sentirá mais confortável e seguro para trabalhar com eles e realizar todas as etapas do projeto. Caso você utilize esse critério, preste atenção para que a participação deles não pareça um prêmio. Corre-se o risco de reforçar a estigmatização dos “bons alunos” [excluído] e criar, na contramão, uma rejeição ao projeto pelos outros alunos da escola.
Alunos de perfis variados	O equilíbrio entre os perfis dos alunos tende a enriquecer o debate e pode levar a uma dinâmica interessante de aprendizado, centrada na convivência com opiniões diferentes. Algumas vezes, depois dos primeiros encontros, podem se criar “panelas”. Caso isso aconteça, utilize essa divisão ou os conflitos que por ventura surjam a partir dela como material de debate nos encontros.

ETAPA 2: CONVERSA SOBRE VIOLÊNCIA

As atividades temáticas desse material foram criadas para propor conversas sobre violência escolar de um modo lúdico e participativo.

Aproveite essas atividades para que a opinião de todos apareça!

ATIVIDADE	OBJETIVOS	QUANDO USAR?
Jogo das imagens (abaixo)	Introduzir o que é violência escolar e a noção de que a violência é um fenômeno complexo, que pressupõe múltiplos fatores e pontos de vista.	1º encontro
Jogo dos opostos (pág. 36)	Identificar o que é conflito e promover a alteridade (capacidade de enxergar pelo ponto de vista do outro).	2º encontro
Debate cênico (pág. 38)	Aprofundar a visão sobre uma determinada situação de violência e explorar lados distintos de uma mesma história.	3º encontro ou depois de ter elaborado a narrativa (final da ETAPA 3)

Jogo das imagens

Objetivo:

Introduzir o que é violência escolar e a noção de que a violência é um fenômeno complexo, que pressupõe múltiplos fatores e pontos de vista.

1ª PARTE

- 1) Divida a turma em grupos.
- 2) Distribua para cada grupo um conjunto de imagens que mostrem situações típicas de escola.
- 3) Peça para cada grupo dividir as imagens entre PAZ e VIOLÊNCIA e colar num grande painel.

EXEMPLOS DE IMAGENS



SELEÇÃO DAS IMAGENS:

Selecione imagens de revistas, jornais ou internet que mostrem situações típicas de escola. Escolha imagens que mostrem situações bem variadas. Desde aquelas onde a violência é fácil de ser reconhecida até imagens mais ambíguas, que podem ser classificadas tanto como PAZ ou como VIOLÊNCIA dependendo do ponto de vista.

É importante que os alunos se sintam desafiados a classificar as imagens a partir dos seus valores e visão de mundo. Não existe certo ou errado!

A classificação depende do olhar e do debate de cada grupo.



2ª PARTE

Converse com a turma sobre o resultado do painel a partir das perguntas abaixo. Deixe que cada um coloque sua opinião e estimule quando houver ideias diferentes a partir da mesma imagem.

Que perguntas fazer?

- Quais foram as imagens mais difíceis de classificar? Por quê?
- Existem divergências de classificação, ou seja, existem fotos que estão tanto em VIOLÊNCIA quanto em PAZ?
- O que os grupos pensaram para classificá-las? Por que consideraram aquela situação como paz ou violência?
- O que as imagens de VIOLÊNCIA têm em comum?
- O que as imagens de PAZ têm em comum?
- O que uma imagem precisa ter para ser considerada violenta?

CONCLUSÃO

Depois dessa roda de conversa, pontue o debate pensando nos seguintes tópicos:

O que é e o que não é violência escolar: todas as imagens mostram situações comuns na escola. Para ela ser classificada como violência ou paz é necessário que se construa um contexto. Cada grupo monta o seu para realizar a atividade. Por exemplo, essa imagem abaixo podemos classificar:



Como violência – a postura dos meninos reflete uma atitude violenta que resultará em brigas.

Como paz – é uma aula extracurricular. Os meninos vão participar de uma atividade de artes marciais.

Use essa discussão sobre o contexto para definir com os alunos o que é violência escolar.

Volte à página 9 e recapitule com os participantes os elementos que constituem a violência (Ação - Intenção - Dano) e o que é violência escolar.

Além de classificar as imagens entre violência e paz, é importante destacar que a violência escolar se manifesta em diferentes intensidades, algumas mais explícitas (como é o caso das brigas, xingamentos, roubos) outras mais sutis (como exclusão de determinadas pessoas, discriminação, ameaças).

Oriente os alunos a pensarem em todos esses tipos de violência, inclusive exemplos de violência institucional (pág.14). Vale a pena questionar, também, se houve intenção por parte dos envolvidos.

A violência é complexa: é importante ampliar as possibilidades de interpretação dos grupos, acrescentando novas hipóteses para a classificação das fotos.

E, ainda, orientá-los a perceber que toda situação de violência depende de uma série de fatores que aconteceram antes de aquela foto ser tirada.

Lembre-se da figura do *iceberg* na página 12 (quais as causas da violência escolar?). Use como exemplo uma imagem e estimule o grupo a pensar duas hipóteses para o que poderia ter acontecido antes de aquela situação acontecer.

Jogo dos opostos

Objetivos:

Identificar o que é conflito e promover a alteridade (capacidade de enxergar pelo ponto de vista do outro).

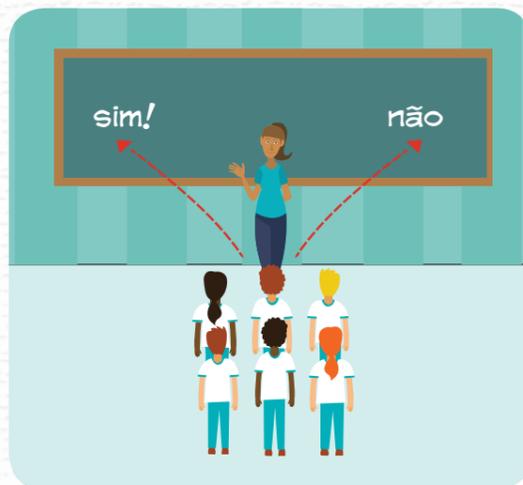
1ª PARTE

1) Divida a sala em duas partes: SIM e NÃO. Todos os alunos ficam em pé e se posicionam de um dos lados da sala.

2) Comece a fazer perguntas:

Aqueles que responderem SIM passam para o lado do SIM e os que responderem NÃO vão para o lado do NÃO – criando movimento e uma nova oposição a cada pergunta.

Você pode estimular um breve debate entre os lados, pedindo que justifiquem suas escolhas. Mas não deixe estender muito, passe logo à próxima pergunta, a ideia é que seja um jogo ágil e rápido.



Perguntas:

- Quem torce para o Santos? (Use outros times também)
- Quem é o irmão caçula?
- Quem tem mais de 3 irmãos?

- Quem tem um amigo gay?
- Quem acha que a violência pode ser justificável em alguns casos?
- Quem já gritou com os pais?
- Quem já bateu em alguém menor?
- Quem já teve muita vontade de bater em alguém e não bateu?
- Quem acha certo tirar satisfação com alguém que mexeu com sua(eu) namorada(o)?
- Quem acha que pode tomar à força algo que lhe foi roubado?
- Quem gostaria de estudar em uma escola diferente?
- Quem acha que, se tiver drogas na escola, tem que chamar a Ronda?
- Quem já incentivou uma briga na escola?
- Quem já apartou uma briga na escola?
- Quem acha que um aluno que briga muito na escola tem que ser expulso?
- Quem já viu uma arma na escola (sem ser da polícia)?
- Quem já riu da piada sobre um aluno que está sendo zoado na escola?
- Quem acha certo em algumas situações o professor gritar com um aluno? E o aluno com um professor?
- Quem já zoolou um aluno na escola?
- Quem acha errado questionar regras da escola?
- Quem já discutiu com um professor na escola?
- Quem já foi agredido verbalmente na escola?
- Quem já foi agredido fisicamente na escola?
- Quem acha que sofreu *bullying*?

VOCÊ PODE CRIAR NOVAS PERGUNTAS!

DICA: crie perguntas sobre temas variados, de times de futebol a questões pertinentes à escola. Aproveite para identificar gostos, opiniões e conhecer melhor o grupo. Misture perguntas mais descontraídas com perguntas mais complexas.

2ª PARTE

3) Escolha algumas questões pertinentes ao grupo para discutir.

4) Separe a turma em grupos a partir das respostas dadas para as perguntas escolhidas.

5) Cada grupo cria uma cena sustentando a ideia OPOSTA àquilo em que acredita.

EXEMPLO		
Quem acha certo tirar satisfação com alguém que mexeu com sua (seu) namorada(o)?	Grupo formado por pessoas que acham certo tirar satisfação.	Grupo faz cena que mostre que NÃO é certo tirar satisfação.
Quem já incentivou uma briga na escola?	Grupo formado por pessoas que já incentivaram.	Grupo faz cena que mostre por que NUNCA se deve incentivar briga na escola.
Quem acha que um aluno que briga muito na escola deve ser expulso?	Grupo formado por pessoas que acham que tem que expulsar.	Grupo faz cena que mostre por que um aluno que briga muito NÃO pode ser expulso.
Quem acha errado questionar as regras da escola?	Grupo formado por pessoas que acham errado questionar.	Grupo faz cena que mostre que questionar as regras é CERTO.

Ao criar a cena, os alunos devem exercitar se colocar no lugar das pessoas que pensam diferente deles. Esse exercício nem sempre é fácil. Fique atento se de fato os grupos conseguiram afirmar o ponto de vista dos outros e ser convincentes, peça para os alunos opinarem sobre isso. Isso ajudará os participantes a criar os personagens das histórias de maneira menos estereotipada. Afinal, na vida real, ninguém é o tempo todo o malvado da história, assim como ninguém é sempre bonzinho!

3ª PARTE

6) Converse com os alunos sobre a dinâmica das perguntas, as cenas e o processo de criação em grupo.

Que perguntas fazer sobre a 1ª parte?

- Como vocês se sentem quando alguém ou um grupo discorda de vocês?
- Como o grupo lidou com as opiniões diferentes?
- Como foi ser o único que pensa de uma determinada forma?
- Na escola, vocês acham que tem pessoas ou grupos com opiniões divergentes das suas? Quais?
- Como vocês lidam com isso?

Que perguntas fazer sobre a 2ª parte?

- Vocês acham que os grupos conseguiram defender um ponto de vista oposto ao deles?
- Existem dificuldades em defender um ponto de vista oposto ao seu? Quais?

CONCLUSÃO

Depois dessa roda de conversa, pontue o debate pensando nos seguintes tópicos:

- **O conflito faz bem:** por meio de uma série de ideias divergentes, o grupo ampliou o seu olhar. Um contribuiu com o outro e todos avançaram numa definição mais abrangente e complexa da ideia de violência. Use uma das perguntas que tenha gerado conflito entre eles para exemplificar essa ideia.

Deixe claro que o conflito é natural, saudável e, portanto, diferente de violência. O tempo todo temos conflitos: em casa, na escola, na rua, e até com a gente mesmo. Se vivêssemos numa sociedade onde todos pensam da mesma forma, a vida seria muito chata e provavelmente não teríamos muitos avanços. Mas quando queremos impor uma visão ao outro ou resolver o conflito por meio da força ou ameaça, aí o conflito torna-se uma violência.

- **Enxergar pelo ponto de vista do outro:** em geral, para pensar como resolver um conflito ou restaurar uma situação de violência precisamos nos colocar no lugar do outro.
- No caso de um conflito, tentar pensar como aquele com quem não concordamos.
- No caso de uma situação de violência, quem praticou o dano deve tentar entender o que pensa quem sofreu o dano e quais foram suas consequências; e quem sofreu o dano deve tentar compreender o que pensa quem praticou a violência e por que o fez.

Debate cênico

Objetivos:

Aprofundar a visão sobre uma determinada situação de violência e explorar lados distintos da mesma história.

1ª PARTE

1) Leia com a turma o fato.

Fato: Ana, professora de português, está dando uma explicação na sala de aula quando vê Roberta passando novamente um bilhete para Bia, mesmo após ter pedido que parasse. Ana manda Bia lhe dar o bilhete. Roberta fala para a colega não dar.

A professora ameaça Bia, que acaba cedendo. Roberta protesta aos berros. A professora começa a abrir o bilhete dizendo: “Vamos ver o que tem neste bilhete que o faz ser mais importante que a aula.” Nesse momento, Roberta pula, arranca o bilhete da mão da professora e acaba arranhando sua mão. Ana grita para que Roberta saia imediatamente da sala. Roberta protesta, dizendo que não vai sair porque a professora não tem o direito de pegar o bilhete de alguém.

Ana pega no braço de Roberta e a conduz até a porta. Na diretoria, Roberta se recusa a pedir desculpas. A diretora, Beth, liga para a Silvana, mãe de Roberta, convocando a sua presença, mas ela está trabalhando e não pode ir.

2) Separe a turma em cinco grupos: o grupo de Roberta (aluna), de Ana (professora), de Beth (diretora), de Silvana (mãe de Roberta) e o júri (público ativo do debate).

3) Explique as regras do debate para todos.

ANTES DE COMEÇAR A 2ª PARTE

Cada grupo terá um tempo para se preparar. Anexamos um material de apoio para essa atividade com informações e sugestões de argumentação que só devem ser disponibilizadas para os respectivos grupos. Quinze minutos é tempo suficiente para que eles, a partir desse material, construam e organizem os seus argumentos.

- Cada grupo escolhe um representante que fará o papel das personagens Roberta, Ana, mãe e diretora.
- No grupo do júri, o representante será o porta-voz, mas toda a equipe votará para escolher o “ganhador” do debate.
- Monte a sala para que ela pareça um grande fórum, como sugerido na ilustração (abaixo) e realize o debate!



Ganha o debate o grupo com maior capacidade de organização de seus argumentos, que não necessariamente é aquele que representa quem teve maior implicação/responsabilidade na situação. É importante salientar isso, pois a argumentação é justamente o exercício que deverá ser feito pelos atores-personagens no momento de elaborar e problematizar a narrativa.

2ª PARTE

Debate

- 1) Cada representante faz uma apresentação inicial dos argumentos do seu grupo (2 min). Explica seu ponto de vista sobre a situação, por que agiu como agiu, qual sua versão da história, o que pensa dos outros envolvidos e de como o conflito deve ser solucionado.
- 2) Um grupo pergunta para outro grupo. Faça um sorteio para saber quem pergunta para quem. Esse momento se divide em quatro etapas:
 - Pergunta (1 min)
 - Resposta (2 min)
 - Réplica, de quem perguntou (1 min)
 - Tréplica, de quem respondeu (1 min)
- 3) O júri faz uma pergunta para cada um dos quatro grupos.
 - Pergunta (1 min)
 - Resposta (2 min)
- 4) O representante de cada grupo faz uma fala de fechamento (2 min).
- 5) Os integrantes do júri votam secretamente nos grupos que acreditam ter “ganho” o debate. Um representante do júri dá o resultado para toda a turma.
 - Lembre-se: a ideia é fazer uma paródia de um debate num programa de TV, envolvendo toda a turma. Você é o apresentador! Entre no clima dos programas de TV.
 - Você também pode realizar esse jogo utilizando o tema e a narrativa-base escolhida pelo seu grupo na etapa 3. Isso vai fortalecer os argumentos de todos os personagens da sua história.



3ª PARTE

Depois da votação, converse com os alunos sobre o debate e o seu resultado.

Que perguntas fazer?

- Os grupos conseguiram expor seus pontos de vista?
- Quais argumentos ou pontos de vista vocês acharam relevantes para entender mais a fundo a situação?
- Houve mudança na sua percepção da situação de violência (do fato) depois do debate? Qual?
- Por que vocês acham que determinado grupo “ganhou” ou não o debate?

CONCLUSÃO

Depois dessa roda de conversa, pontue o debate pensando nos seguintes tópicos:

- Caminhos para analisar uma situação de violência – A atividade do debate reafirma a ideia de que a violência é complexa. Basicamente aprofunda a visão sobre uma situação de violência (o fato), apresentando o que está por trás dela e o seu contexto detalhadamente. Mostra qual é o conflito inicial, quem são os responsáveis por ela (direta e indiretamente) e quais as causas que levaram esses personagens a agir como agiram. É importante salientar para os alunos que, numa situação de violência, sempre existirão vários responsáveis e causas, tanto que esses termos sempre são usados no plural. O fato debatido mostra isso! É uma situação que se passa na sala de aula, existem os responsáveis diretos (Roberta e professora), mas também os indiretos (gestão escolar, outros alunos, a família de Roberta e mesmo a opinião pública – representada pelo júri).

Retome as ideias da página 13 (“Quem é o autor da violência escolar?”) e lembre-se da “corresponsabilização”. Afinal, é fundamental que todos se vejam como parte do problema e, por consequência, da solução!



ETAPA 3: ESCOLHA DA HISTÓRIA

Nessa etapa, o grupo vai escolher uma história que será a base para a construção coletiva de uma cena teatral.

Para isso deve:

1 – ESCOLHER O TEMA

2 – ELABORAR A NARRATIVA

POR QUE ESCOLHER UM TEMA?

O projeto trata da violência escolar, mas essa é uma questão bastante ampla e complexa. A partir dela é preciso escolher um tema específico para desenvolver a cena. Sobre quais tipos de situações de violência escolar o grupo quer falar? Por exemplo, brigas na porta da escola, agressões entre professores e alunos, furtos de celular. Quanto mais concreto, detalhado e próximo da realidade dos alunos for o tema, mais os participantes poderão aprofundar a discussão sobre a violência escolar.

Também é importante que esse tema seja apoiado pela maioria do grupo. Por isso, você deve conduzir essa escolha de forma participativa.

POR QUE ELABORAR UMA NARRATIVA?

Depois do tema específico, é importante encontrar uma situação que exemplifique esse tema, elaborando uma narrativa inicial que será a base da cena. Para um mesmo tema, existem inúmeras situações possíveis. É fundamental encontrar uma que tenha a ver com a realidade do grupo e da escola, assim os alunos poderão se apropriar mais da história e elaborá-la com maior desenvoltura nas próximas etapas do projeto. Também é importante criar a narrativa na prática, usando o teatro.

TEMA + NARRATIVA = HISTÓRIA

Atividade para escolher o tema

OBJETIVO: escolher com todo o grupo, de forma participativa, o tema a partir do qual a narrativa será elaborada.

- 1) Perguntas para aquecer a turma: **Quais as situações de violência que acontecem na sua escola?** Construa uma grande lista (na lousa ou num papel pardo) com as situações citadas. Esse será o **Mural de Temas**. O professor também pode contribuir!
- 2) Divida a turma em grupos. Cada grupo deve decidir, dentre todas as situações listadas, **quais as três que mais os afetam no dia a dia da escola**, isto é, aquelas que mais têm a ver com a realidade deles, de que eles mais gostariam de falar.
- 3) Cada grupo coloca as três situações que escolheu num grande mural. O professor agrupa e circula as que forem iguais ou parecidas.

Exemplo: mural de temas, depredação da estrutura escolar, uso do celular na escola, ameaças, racismo e preconceito, bombas no recreio, brigas na saída, brigas no recreio, alunos que xingam professores, professores que gritam com os alunos etc.

4) Em roda com toda a turma, pontue as situações que mais apareceram (por exemplo: racismo e preconceito, brigas e agressões entre alunos, agressão verbal entre alunos e professores) e faça as perguntas abaixo para chegar ao tema final:

4.1) Quando essas situações acontecem na escola, vocês sentem que podem fazer algo para evitá-las ou transformá-las?
Se para alguma situação a resposta for não, esse é um critério para, com o consenso do grupo, excluí-la como possível tema. É fundamental que o grupo trabalhe a partir de situações em que possa intervir, transformar e pensar soluções. Caso contrário, a cena e o debate ficarão muito abstratos e descolados da realidade dos jovens.

4.2) Das situações que restaram, quais mais simbolizam as questões de violência dessa escola?
Aqui o grupo pode usar como critério para escolha do tema as situações mais comuns, as mais relevantes ou as que mais incomodam etc.

A partir dessas duas perguntas, chega-se ao tema final – por exemplo, brigas e agressões físicas entre alunos.

Atividade para elaborar a narrativa

OBJETIVO: elaborar uma narrativa que será a base para a criação da cena final do projeto, que vai ilustrar como o tema escolhido se manifesta no dia a dia da escola.

1) Divida a turma em grupos e peça para cada grupo criar uma cena com o tema final escolhido (ex.: brigas e agressões verbais entre alunos).

Cada cena deve ter:

TEMA: brigas e agressões entre alunos (ex.).

TÍTULO: escolhido pelo grupo.

“O QUÊ?”: a situação principal (ex.: um conflito entre alunos que tenha terminado numa violência direta).

“ONDE?”: o lugar em que acontece a situação principal (ex.: na sala de aula).

“QUEM?”: os personagens envolvidos (definidos de acordo com a história de cada grupo).



2) Exemplos de cenas apresentadas pelos grupos:

CENA 1	CENA 2	CENA 3
<p>Título: A fila</p> <p>O quê? Dez alunos estão na fila da cantina. Luiz fura a fila com seu amigo William. Pedro reclama e parte para cima de Luiz. Os dois brigam. A inspetora chega e separa a briga.</p> <p>Onde? Na fila da cantina, recreio da escola.</p> <p>Quem? Luiz, William, Pedro, inspetora e alunos na fila.</p>	<p>Título: Ninguém aguenta...</p> <p>O quê? Na aula de Geografia, Flávio, que tem o celular mais bacana da classe, fica zoando João que tem um celular antigo. Ele adora chamá-lo de <i>nerd</i> e pobre. O professor, que está passando a matéria na lousa, ouve uma conversa e repreende a classe toda. A próxima aula é vaga. Flávio toma o celular de João para zoá-lo. Ricardo e Guilherme pressionam João a “não deixar quieto” o desaforo. João dá um soco em Flávio. Toda a classe grita: “Briga! Briga! Briga!” A inspetora chega e leva todos para a diretoria.</p> <p>Onde? Sala de aula e diretoria.</p> <p>Quem? Flávio, João, Ricardo, Guilherme, alunos, professor de Geografia, inspetora e diretora.</p>	<p>Título: Isso não vai ficar assim!</p> <p>O quê? Natália chega à escola e vê Bia conversando com Cadu, seu namorado. Os dois estão rindo e parecem muito íntimos. Natália fica olhando a cena de longe. Quando Cadu entra na escola, ela vai tirar satisfação com Bia e diz: “Isso não vai ficar assim!” No recreio, Natália desce com suas amigas e acaba brigando com Bia. Todos os alunos do pátio gritam: “Briga! Briga Briga!”</p> <p>Onde? Porta e pátio da escola.</p> <p>Quem? Natália, Cadu, Bia e alunos no pátio.</p>

3) Após cada grupo se apresentar, converse com toda a turma sobre as cenas e escolha uma delas para ser a narrativa do grupo.

Utilize as perguntas abaixo para fazer essa escolha:

- As cenas representavam o tema escolhido?
- Quais foram os pontos mais interessantes de cada cena?
- Quem já viveu situações parecidas?
- Qual cena é mais comum nessa escola?

4) Feita a escolha, defina com todo o grupo uma ou mais pessoas para escrever essa narrativa e trazer no próximo encontro.

É importante fazer esse registro para que a história não se perca de um encontro para outro.

ETAPA 4: CONSTRUÇÃO DA CENA

A turma deve sair da etapa anterior com uma história eleita. Ela pode ser simples, pois é agora, na etapa de problematização da cena, o momento de ampliá-la, aumentando os fatores de influência, desenvolvendo os personagens, pensando em como criar um fim para ela etc.

Depois que uma cena é escolhida, todo o grupo deve se unir para desenvolvê-la nesta etapa. Todos que demonstrarem interesse devem ser integrados na história, fazendo as adaptações necessárias, mas tomando cuidado para não descaracterizá-la completamente.

COMO AMPLIAR A CENA?

Com a técnica da problematização, o professor ajuda os alunos a desenvolverem a história por meio de um ciclo: o grupo apresenta a cena, o professor lança uma série de perguntas que, por sua vez, geram a criação de uma nova cena, que suscita outra série de perguntas e assim sucessivamente, até que o trabalho esteja pronto. Na próxima página, detalharemos como isso se desenvolve passo a passo.

QUAIS SÃO OS PONTOS MAIS IMPORTANTES NESTE PROCESSO?

Destacamos quatro pontos principais a serem explorados pelas cenas: Conflito, Causas, Responsáveis e Encaminhamentos (saiba mais sobre esses conceitos da página 15 à 23).

PRECISO UTILIZAR TODOS OS PONTOS?

Não necessariamente. É claro que se o objetivo do projeto é ampliar o olhar, quanto mais pontos o grupo conseguir explorar melhor. O ideal seria explorar os quatro, porém é mais interessante explorar em profundidade do que em quantidade. Então, desenvolver bem dois desses pontos é mais desejável do que explorar os quatro de modo superficial.

COMO SABER QUANDO TERMINAR?

Quando a turma entender que a história está minimamente completa, ou seja, que ela tem começo, meio e fim. É necessário que ao menos um desses quatro pontos (**Conflito, Causas, Responsáveis e Encaminhamentos**) seja desenvolvido com profundidade. Pode ser interessante estipular uma duração para a cena, assim sabe-se quanto tempo disponibilizar para cada ponto. Uma dica: faça cenas de 10 a 15 minutos no máximo, pois senão o grupo precisará de muito tempo para desenvolver tudo com a profundidade necessária e a cena pode ficar muito longa.

Problematização da narrativa

A problematização da cena é uma técnica para facilitar a reflexão sobre uma história por meio de perguntas. O objetivo é ampliar a visão dos jovens sobre uma situação de violência escolar.

A problematização precisa de quatro fases para acontecer:

1) DEFINIR

O professor escolhe, a partir da última cena elaborada pelos alunos, o que ele quer problematizar. Ele pode escolher um desses quatro pontos por vez: Conflito, Causas, Responsáveis e Encaminhamentos. Esse será o objetivo da problematização. A definição desse objetivo vai indicar os tipos de perguntas que devem ser feitas.

2) PERGUNTAR

O professor explora o objetivo definido na fase anterior, fazendo perguntas para estimular os alunos a emitirem sua opinião. As perguntas para cada ponto estão nas próximas páginas.

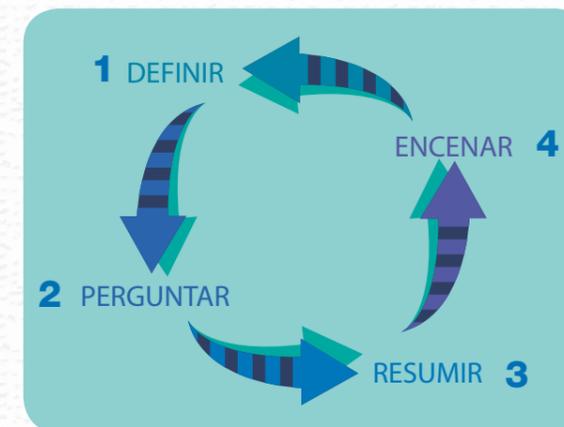
3) RESUMIR

O professor faz um resumo das opiniões emitidas pelos alunos, destacando e articulando os pontos principais. É o momento de amarrar tudo o que foi discutido. Nesta fase, é interessante repetir algumas falas e verificar se a maioria concorda com esta opinião. Quando a discussão começar a girar em círculos, cabe ao professor fixar alguns pontos já definidos pela maioria e encaminhar a discussão para o próximo tópico.

4) ENCENAR

O professor sugere que os alunos criem uma cena (ou modifiquem a que foi apresentada) a partir do que foi dito. É o momento dos alunos vivenciarem concretamente a reflexão, através da recriação da narrativa e de sua encenação.

Importante: esse ciclo pode se repetir várias vezes. Assim vão se criando novas cenas ou melhorando as que já existem, até ficar pronta!



Exemplo de um ciclo de problematização da cena: alunos apresentam uma cena sobre uma briga na porta da escola.

DEFINIR: professor define que vai problematizar o conflito da cena.

PERGUNTAR: professor faz uma série de perguntas como: “Quando começou? Quais eram as divergências entre os personagens que brigaram? Quais os lados dessa história?”

RESUMIR: após os alunos responderem, o professor destaca alguns pontos como: antes da briga eles eram amigos, mas um dia fulano fez uma piada que sicrano não gostou. Então a briga começou por causa de uma brincadeira.

ENCENAR: professor propõe que eles façam uma cena mostrando o conflito inicial – a brincadeira que deu errado, destacando o ponto de vista de cada personagem.

A cena pode ser uma que tenha sido escolhida na última aula, ou uma cena que os alunos acabaram de fazer. Se for um grupo grande, várias cenas podem ser criadas a cada encontro, daí você deve dividi-los em grupos de criação menores. É desejável que cada grupo tenha de 4 a 10 alunos no máximo.



Problematizar – conflito

É sempre importante tentar compreender qual foi a divergência inicial que gerou o conflito entre os envolvidos. Lembrando que pode ser mais de uma divergência.

Para isso, proponha ao grupo descobrir como era o relacionamento dos personagens antes das divergências existirem e quando foi o momento em que elas começaram a aparecer.

Instigue-os a tentar conhecer todos os lados da história, não deixando um personagem com muita cara de “vítima” ou “vilão”.

COMO DESCOBRIR UM CONFLITO POR MEIO DE PERGUNTAS:

PERGUNTAS PRINCIPAIS	POR QUE PERGUNTAR?	PERGUNTAS SECUNDÁRIAS
Quando começou?	Para descobrir o momento da história em que ainda não havia divergências entre os envolvidos.	Como era antes da briga? Em que momento a briga começou?
Quais são os lados dessa história?	Para entender e fortalecer todos os lados da história e para relativizar o papel da vítima e do agressor.	E o fulano é só vítima nesta história? E o que o agressor pretendia ao agredir? Qual é a necessidade e o interesse de cada um dos envolvidos? Os envolvidos pensam/acham de forma igual? O que cada um pensa?



Problematizar – causas

É importante descobrir quais foram os fatores que influenciaram a situação de violência.

Para isso, peça ao grupo para investigar por que os personagens agiram de uma determinada forma. Por exemplo, por que o fulano se sentiu obrigado a tirar satisfação com o sicrano?

Isso vai levá-los a entender a motivação das atitudes dos envolvidos, o que fundamenta as ações deles.

Essas causas podem levar a conceitos abstratos, como preconceito, desigualdade social, solidão, medo. Nesse caso, você pode desafiá-los e sugerir que tentem descobrir como mostrar isso em uma cena teatral.

COMO DESCOBRIR AS CAUSAS POR MEIO DE PERGUNTAS:

PERGUNTAS PRINCIPAIS	POR QUE PERGUNTAR?	PERGUNTAS SECUNDÁRIAS
Por que isso aconteceu?	Para identificar quais foram os fatores que influenciaram para que a situação violenta acontecesse.	O que estava acontecendo na hora ou imediatamente antes?
Por que eles (personagens) agiram dessa forma?	Para entender a motivação das ações de cada um dos responsáveis.	Outras pessoas também agem assim? Sempre? Por quê? O que os leva a agir dessa forma? Existe algum outro fator que contribuiu?



Problematizar – responsáveis

Quem são as pessoas que influenciaram para que a situação violenta acontecesse? Esses serão os responsáveis.

Conduza-os a perceber que existem graus distintos de responsabilidade, alguns influenciaram mais, outros influenciaram menos. E isso deve de alguma forma aparecer nas cenas.

O grupo deve deixar claro o que um determinado envolvido fez para ser considerado um responsável.

Atue sempre para que o grupo amplie a sua visão de responsáveis, sem transformar um personagem no único “culpado”. Essa ideia, inclusive, deve ser sempre relativizada: não temos um culpado, e sim corresponsáveis.

COMO DESCOBRIR OS RESPONSÁVEIS POR MEIO DE PERGUNTAS:

PERGUNTAS PRINCIPAIS	POR QUE PERGUNTAR?	PERGUNTAS SECUNDÁRIAS
Quem são os principais responsáveis?	Para identificar os responsáveis diretos e possíveis testemunhas da situação.	Quem mais estava presente na hora?
O que cada um deles fez?	Para entender e fortalecer todos os lados da história e para relativizar o papel da vítima e do agressor.	E o fulano é só vítima nessa história? E o que o agressor pretendia ao agredir? Qual é a necessidade e o interesse de cada um dos envolvidos? Os envolvidos pensam/acham de forma igual? O que cada um pensa?



Problematizar – encaminhamentos

Depois que a análise da situação já foi realizada, é hora de pensar no que pode ser feito para solucionar o problema criado pela situação violenta.

Instigue-os a fugir de resoluções mágicas ou únicas, procurando alternativas possíveis de encaminhamentos.

Lembre-os sempre de considerar a restauração dos danos, extrapolando o prejuízo material e propondo soluções também para os danos relacionais, como a dignidade, a confiança, a amizade.

Pedir desculpas é só uma etapa da solução e, se não for acompanhada de uma revisão das atitudes, não deve surtir efeito a longo prazo.

COMO DESCOBRIR POSSIBILIDADES DE ENCAMINHAMENTOS POR MEIO DE PERGUNTAS:

PERGUNTAS PRINCIPAIS	POR QUE PERGUNTAR?	PERGUNTAS SECUNDÁRIAS
Alguém poderia ter feito algo para evitar?	Para entender o que poderia ter sido feito para que essa situação não acontecesse.	Qual atitude ajudou a briga a acontecer?
O que iria/vai acontecer em seguida?	Para entender quais são as reações esperadas diante da situação.	Como cada um agirá para evitar uma situação violenta?
O que os responsáveis devem fazer após o ocorrido?	Para entender quais ações e atitudes podem restaurar os danos causados.	Qual foi o dano? Como esse dano pode ser reparado?



ETAPA 5: FINALIZAR A CENA

Chegou o momento de finalizar a cena! Agora você vai juntar todas as cenas que foram criadas a partir da problematização, durante a etapa de desenvolvimento da cena.

Vamos mostrar aqui um exemplo para que você possa visualizar o produto que essa metodologia pode gerar. Você e o seu grupo de alunos devem criar uma história de vocês.

Junto com o grupo você:

1) Escolheu o tema

Exemplo: brigas e agressões entre alunos.

2) Criou uma narrativa base

Exemplo: Natália chega à escola e vê Bia conversando com Cadu, seu namorado. Os dois estão rindo e parecem muito íntimos. Natália fica olhando a cena de longe.

Durante a aula de português, a professora sai para buscar um apagador. Flávio e Jorge ficam zoando Bia, chamam-na de periguete etc. Bia começa a discutir com eles. Nessa hora, Natália toma a frente e começa a xingar Bia, pega um trabalho dela e rasga. A professora chega e manda todos sentarem. Bia diz: “Isso não vai ficar assim!”

Na hora da saída, Natália desce com suas amigas e acaba brigando com Bia. Logo, todos os alunos da saída estão gritando: “Briga! Briga! Briga!”



3) Problematizou com o grupo e criou novas cenas sobre:

	FAZENDO PERGUNTAS O PROFESSOR DESCOBRIU QUE	PROPÔS QUE O GRUPO CRIASSE UMA CENA PARA
CONFLITOS	<ul style="list-style-type: none"> - Bia e Natália sempre foram muito amigas. - Depois que Natália e Cadu começaram a namorar, as duas se afastaram. - Natália sempre achou que Bia gostava de Cadu. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar como o conflito começou: eram amigas, mas Natália começou a ficar com o Cadu e se afastou.
CAUSAS	<ul style="list-style-type: none"> - Antes de Bia namorar Cadu, ela e Natália não tinham muitos amigos. - Jorge e Flávio ficaram agitando, botando pilha nas meninas e chamando os outros para ver a briga. - Natália adora uma personagem da novela que é barraqueira. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar como era antes de Natália namorar Cadu. - Jorge e Flávio botando pilha nas garotas e chamando a galera para a briga. - Natália vendo a novela e se divertindo!
RESPONSÁVEIS	<ul style="list-style-type: none"> - A inspetora que organizava a fila estava presente quando Natália tirou satisfação com Bia. - As duas já tinham sido atendidas pelo PMEC duas vezes por discussões em sala de aula. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar a reação da inspetora na fila. - Mostrar a reação do PMEC numa das vezes que elas tinham ido para sua sala.
ENCAMINHAMENTOS	<ul style="list-style-type: none"> - Muitas pessoas poderiam ter feito algo para evitar esse conflito. - Os principais danos são a destruição da amizade das duas e a consequência dessa briga no dia a dia da escola. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mostrar o que cada pessoa poderia ter feito: alunas, Cadu, Flávio e Jorge, inspetora e PMEC. - Todos conversando como podem reparar o dano.

4) Última etapa

O grupo criou várias cenas e agora vocês vão juntá-las numa **CENA FINAL**

Parte 1: situação que mostre como Bia e Natália eram recebidas na escola antes de Natália namorar Cadu.

Parte 2: situação que mostre como o conflito das duas começou.

Parte 3: as duas discutem e vão para o P MEC pela primeira vez, são orientadas.

Parte 4: narrativa-base até Natália ameaçar Bia.

Parte 5: reação da inspetora.

Parte 6: meninos botam pilha em Natália, que comenta sobre a personagem barraqueira da novela.

Parte 7: meninos agitam a escola e chamam a galera para a briga.

Parte 8: briga acontece. Todos vão para a sala do P MEC. Cada um fala o que poderia ter feito para evitar a situação. Bia e Natália fazem um acordo e preparam uma atividade para toda a escola.

ETAPA 6: DEBATE NA ESCOLA

Um dos objetivos do Projeto **Diálogo com Teatro** é promover o debate sobre violência escolar com alunos, professores, funcionários e gestão escolar. Use a cena que vocês criaram como ponto de partida e faça uma problematização com toda a escola. Para isso, siga as seguintes etapas:

1) Mostrar a cena para a escola, vocês podem apresentar:

- No recreio, para toda a escola.
- Em cada classe, para uma turma apenas.
- Reunindo todas as classes de uma mesma série.

Escolha a maneira que for melhor para a escola (envolva a equipe gestora e os colegas professores).

2) O grupo conta como criou a cena:

Estimule o grupo a contar como chegou ao tema, por que escolheu essa situação e como foi desenvolvendo a narrativa.

3) Debate – Problematização com o público.

PROFESSOR = FACILITADOR DO DEBATE

Lembre-se da página 26, “Papel do Professor”: durante o debate com a escola, você fará perguntas para estimular os alunos, professores, funcionários e direção a refletirem de forma crítica a partir de suas próprias ideias.

Dicas:

- É importante criar um ambiente onde possa acontecer um diálogo.
- Faça o debate em roda para que todos possam se ver e ouvir.
- Se estiver no pátio, um microfone é importante para que todos se ouçam.

QUAIS PERGUNTAS FAZER PARA ESTIMULAR O DEBATE?

OBJETIVO	PERGUNTAS NORTEADORAS	POR QUE PERGUNTAR?
ASSOCIAR O PROBLEMA À REALIDADE	Isso acontece na nossa escola? Com que frequência? Onde, quando e como acontece? Quem já esteve numa situação parecida?	Identificar semelhanças entre a situação da cena e a vida do aluno. Para que ele se veja como parte do problema e da solução.
IDENTIFICAR CONFLITOS	Como era antes da briga? Em que momento a briga começou? O que pensava cada um dos envolvidos no conflito?	Perceber que conflito é diferente de violência. Para saber onde começou e refletir como poderia ter tido outro final.
IDENTIFICAR CAUSAS	Por que os personagens agiram como agiram? Outras pessoas também agem assim? Sempre? Por quê? Quais foram os fatores que contribuíram?	Identificar que numa situação de violência existem vários fatores que contribuem para que ela aconteça.
IDENTIFICAR RESPONSÁVEIS	Quem estava presente na hora? Outras pessoas que não estavam presentes influenciaram a atitude e o comportamento dos personagens? O que cada pessoa fez ou deixou de fazer? Outras pessoas poderiam ter feito algo?	Identificar que numa situação de violência existem várias pessoas que influenciam para que ela aconteça.
IDENTIFICAR ENCAMINHAMENTOS	Como a situação foi solucionada? Quais foram os danos causados? O que vocês fariam para resolver/restaurar esses danos?	Pensar em novas ideias para que a situação não volte a acontecer.

ETAPA 7: AVALIAÇÃO

Depois de apresentar a cena para o restante da escola e promover um debate com a comunidade escolar é o momento de avaliar todo o processo em conjunto com a turma. Para isso, há duas ferramentas que podem auxiliar a estruturar essa avaliação:

1) Conversar com os jovens sobre o processo. Procure nessa conversa tentar compreender qual foi a visão dos jovens sobre alguns aspectos do projeto como:

- Se eles se sentiram satisfeitos com o processo e com o resultado final (cena).
- Se eles sentiram que tiveram espaço para expor as suas ideias e se elas foram contempladas na elaboração do produto final.

É normal que nem todas as ideias entrem na cena, mas o aluno deve sentir que ao menos as suas ideias foram consideradas.

- Se o processo e o resultado representam o tema que eles escolheram para trabalhar, e se esse tema é realmente relevante para se debater na escola.
- E, principalmente, se eles consideram que houve mudanças em sua maneira de encarar a violência escolar.

2) Avaliar se a cena elaborada pelos jovens apresenta os objetivos da metodologia e se eles foram explorados com profundidade no que se refere:

- ao conflito gerador
- às múltiplas causas
- aos múltiplos responsáveis
- aos possíveis encaminhamentos, não exclusivamente punitivos

Ou seja, avaliar se a cena demonstra uma ampliação na capacidade de interpretação da violência escolar pelos jovens.

Para isso, elaboramos um questionário que, ao ser respondido, atribui uma nota para o resultado final do trabalho considerando dois critérios gerais:

- **Amplitude de visão** – Refere-se à quantidade de objetivos que a cena explora: conflitos, causa, responsáveis e encaminhamentos. Quantos desses elementos ela aborda?
- **Profundidade** – Refere-se a quanto a cena consegue explorar dentro de cada quesito.

Fazer os alunos ampliarem a visão sobre a violência escolar é o objetivo principal do projeto e o resultado esperado é que os alunos consigam fazer uma leitura mais ampla de situações concretas de violência. O ideal é conseguir um equilíbrio entre as duas dimensões.

Explorar a maior quantidade de quesitos que for possível, e que cada um deles seja explorado com profundidade. É melhor explorar com profundidade menos quesitos do que superficialmente todos eles.



QUESTIONÁRIO

1ª Parte – Amplitude da visão

Conflito

A cena aborda o conflito que gerou a situação de violência?

() SIM () NÃO

Causas

A cena aborda fatores que contribuíram para a situação de violência acontecer?

() SIM () NÃO

Responsáveis

A cena aborda os responsáveis pela situação de violência?

() SIM () NÃO

Encaminhamentos

A cena aborda encaminhamentos para a situação de violência?

() SIM () NÃO

2ª Parte – Profundidade

Conflito

A cena apresenta dois ou mais pontos de vista?

() SIM () NÃO

A cena consegue desenvolver o ponto de vista do agressor?

() SIM () NÃO

A cena foge da vitimização excessiva?

() SIM () NÃO

Causas

A cena mostra mais de um motivo para que a situação tenha ocorrido?

() SIM () NÃO

A cena mostra dimensões culturais da violência (como preconceito, racismo etc.)?

() SIM () NÃO

A cena mostra fatores estruturais (como falta de professor, desigualdade social etc.)?

() SIM () NÃO

Responsáveis

A cena apresenta mais de um responsável direto?

() SIM () NÃO

A cena apresenta também responsáveis indiretos pela situação (presentes ou não)?

() SIM () NÃO

A cena investiga responsabilidades da escola também (professores, direção, funcionários etc.)?

() SIM () NÃO

Encaminhamentos

A cena consegue apresentar uma proposta de reparação/restauração ao dano causado?

() SIM () NÃO

O encaminhamento foge do exclusivamente punitivo?

() SIM () NÃO

O encaminhamento proposto implica três ou mais envolvidos?

() SIM () NÃO

Responda a cada pergunta e depois some 1 ponto a cada resposta afirmativa.

Observação: se na 1ª parte você não assinalar o item “conflito”, na 2ª parte a seção correspondente ao conflito deve ficar em branco, sem nenhum ponto. Mas se você assinalar positivamente o item “conflito” na 1ª parte, não necessariamente precisa assinalar “Sim” em algum item correspondente à seção “conflito” na 2ª parte.



#3 ANEXOS

ANEXOS DAS ATIVIDADES TEMÁTICAS

DEBATE CÊNICO

ROBERTA (ALUNA)

O que só a Roberta sabe: todo mundo passa bilhete em todas as aulas. Naquela aula, inclusive, ela viu vários bilhetinhos sendo passados. Ela acha que aquela professora a persegue porque sempre chama a atenção dela e não liga para o que os outros fazem. No bilhete em questão, ela estava conversando com Bia sobre um fato que a tinha deixado muito brava. Ela tinha brigado com uma garota de outra classe. No bilhete ela dizia: “Não sei o que o Ricardo vê naquela perigete, se ele me der trela um dia vai descobrir o que é bom de verdade.” Roberta não queria de jeito nenhum que o conteúdo do bilhete viesse à tona para o Ricardo não ficar se achando e para não dar razão para a outra aluna. E vai que o resto da classe não percebesse que ela estava brincando? Era só um bilhete... A professora violou a privacidade dela pegando aquele bilhete. Se fosse alguma carta de alguém, todo mundo cairia matando em cima dela. Um bilhete é igual uma carta.

Linha de argumentos – eu sou a menos responsável porque: todo mundo tem um dia em que reage de maneira mais forte, principalmente se alguma coisa importante sua é roubada, e foi isso que a professora fez. A minha mãe não está nunca em casa e fica querendo dar palpite na minha vida. Agora, na hora em que a escola toda ficasse me zoando por causa do bilhete, ela não estaria lá para me defender. A diretora só está interessada na imagem dela, ela não liga a mínima pra escola, nem sabe o que acontece nos corredores ou na sala de aula. Ela só fica passando de um lado por outro, mandando em todo mundo.

SILVANA (MÃE DE ROBERTA)

O que só a mãe da Roberta sabe: Silvana trabalha como enfermeira em um hospital público. Recebe uma ligação da escola quando ainda faltam 4 horas para terminar o seu plantão de 30 horas. Está sendo convocada porque a filha teve um comportamento inaceitável na escola e agrediu a professora. Na hora do telefonema, ela está muito atarefada e não consegue entender direito, diz apenas: “Não posso sair agora, senão serei descontada e posso perder o emprego”, diz que a escola tem que fazer o que tiver que fazer e desliga. Quando chega em casa, vai direto conversar com a filha para entender o que aconteceu. Silvana fica brava porque a filha estava passando o bilhete, mas acha que ela fez certo em arrancá-lo da professora. Fica mais brava por causa do palavrão antes de sair da sala. Silvana acaba brigando com a filha porque ela não conta o que estava escrito no tal bilhete.

Linha de argumentos – Eu sou a menos responsável porque: eu já tenho que fazer milhões de coisas pela educação da minha filha, dou um duro danado no trabalho e ainda peno com ela em casa. Sei que ela é difícil, eu admito. Mas eu consigo com que ela tenha um comportamento aceitável em casa. Quando ela não escova os dentes em casa, sou eu que resolvo, eu não mando o bilhete pra escola, mando? Se ela não presta atenção na aula, isso é um problema que a escola tem que resolver. Eu já passei todos os meus valores para a minha filha, os mesmos valores que o meu pai passou para mim e meus irmãos. Todos criados muitíssimo bem, tanto que ele saiu da roça e quase todos os filhos fizeram faculdade. Agora, se a minha filha resolve fazer as escolhas erradas, não é culpa minha. Ela tem liberdade de escolher o caminho dela. Além de todas as más influências de amigas, televisão etc.

ANA (PROFESSORA)

O que só a professora sabe: por causa de uma série de coisas que não são culpa de Ana, a matéria dela – Português – estava atrasada naquela classe e ela precisava passar alguns conteúdos para poder fazer a prova. Ela já teve dificuldade de passar o conteúdo várias vezes naquela sala por causa de indisciplina dos alunos. Especificamente com Roberta, ela já teve alguns embates em que sua autoridade foi questionada. Um caso específico que a marcou: Roberta fez uma piada com os seus óculos em que a classe inteira riu muito. Ela não entendeu porque fazia referência a uma banda jovem que ela não conhece.

Linha de argumentos – Eu sou a menos responsável porque: eu estou lá tentando ensinar, é a minha função, e tudo conspira para que eu não consiga fazer isso. A aluna só está interessada em quem vai “pegar” quem, não está preocupada com seu futuro. A mãe larga a menina na escola e não passa para ela como deve se comportar em sala de aula. Pior, se a menina é violenta assim, é porque a mãe também deve ser. A diretora não está na linha de frente em sala de aula como eu. Ela está mais interessada na carreira dela e para isso os alunos têm que ir bem na prova, assim melhoram os índices da escola. Então ela bota muita pressão para que os alunos melhorem, mas isso não depende só de mim, embora eu faça o meu trabalho.

BETH (DIRETORA)

O que só a diretora sabe: Beth é diretora da escola há quatro anos. Naquele dia iria receber em breve a visita da dirigente de ensino. Estava particularmente atarefada porque haveria prova da Secretaria da Educação no Estado de São Paulo na semana seguinte e, ainda, no final de semana haveria uma festa na escola. Já havia convocado essa mãe algumas vezes e ela nunca podia comparecer por causa do horário do seu emprego. Beth se considera bastante tolerante com os alunos, mas é particularmente muito severa com casos de agressão ao professor. Ela considera a professora Ana uma de suas melhores professoras.

Linha de argumentos – Eu sou a menos responsável porque: dou um duro danado para manter a escola em ordem. Só assim os professores terão um bom lugar para trabalhar, os alunos uma boa escola para aprender e os pais um lugar em que possam confiar os seus filhos. Mas ninguém ajuda ou valoriza. Os professores só reclamam. Se eu peço uma mudança na abordagem pedagógica, são duas horas de choro. Os pais só reclamam. Parece que a escola não faz uma coisa certa sequer. Eles largam os filhos aqui como se fossem anjos, mas todo mundo sabe que estão bem longe disso. Os alunos são muito mais mimados do que na minha época. Querem tudo apenas do seu jeito. São ótimos para reclamar por seus direitos, mas nunca se lembram dos seus deveres.

JÚRI

Como o júri deve proceder: os integrantes do júri devem investigar qual grupo apresentou argumentos de forma mais clara e coerente. Observem quem ouviu com atenção a argumentação dos outros grupos e soube contra-argumentar a partir disso.

Observadores ativos: na hora de perguntar, observem as fragilidades da argumentação de cada grupo e explorem os pontos que não ficaram claros. Na hora do julgamento, deixem de lado as suas convicções pessoais e decidam de forma isenta pelo grupo que se saiu melhor.

DICAS DE TEATRO: ATIVIDADES E JOGOS TEATRAIS

Partilha

Ao final da oficina é fundamental que haja um momento de reflexão e contextualização para que todos possam, também, fazer uma apreensão racional de tudo o que aconteceu. Esse é um momento também em que todos têm a oportunidade de falar e dividir suas impressões sobre a aula, já que é comum, pela heterogeneidade do grupo, que haja alunos com mais e menos facilidade na exposição das ideias.

Como uma roda para conversa facilmente se transforma em uma confusão de opiniões, que pode ficar interminável, uma boa estratégia é a Partilha, uma técnica de facilitação do diálogo que garante que todos tenham o seu espaço para expor o que quiserem. Ela é realizada da seguinte maneira:

- Todos (inclusive o educador) sentam em um “círculo perfeito” – aquele em que todo mundo consegue se enxergar sem esticar o pescoço.
- Elege-se um objeto (pode ser qualquer coisa que esteja à mão) que dará o poder de fala para quem o estiver segurando. Ninguém pode falar se não estiver segurando o objeto.
- A primeira pessoa, segurando o objeto, diz: “Meu nome é X e eu começo a partilha de hoje.” Essa pessoa fala o que quiser sobre a oficina, suas impressões sobre os jogos, improvisos ou cenas, as sensações mais subjetivas que ela quiser compartilhar. Ao final da sua fala, ela diz: “Meu nome é X. Falei!” e passa o objeto para a próxima pessoa da roda (ao seu lado direito ou esquerdo).
- A próxima pessoa fala “Meu nome é Y”, diz o que quiser e, no final, fala “Meu nome é Y. Falei”, passa

o objeto ao próximo, e isso se repete até a última pessoa da roda.

- A última pessoa diz o seu nome, compartilha as suas reflexões e termina dizendo: “Meu nome é Z e eu encerro a partilha de hoje.”

Considerações importantes:

- Não se deve pressionar ou deixar que pressionem quem não quer falar. A pessoa deve simplesmente dizer: “Meu nome é X, falei” e passar o objeto adiante (se você quiser, pode, em outro momento, conversar com o aluno para entender suas razões e, se for o caso, incentivá-lo a falar na partilha).
- Todos devem manter a atenção, o silêncio e a postura. Deve-se evitar que os alunos deem e fiquem com uma postura de sono ou desinteresse.
- Sempre que alguém concordar com algo que outro está falando, simplesmente diz “ROU”.
- Só você pode aconselhar a pessoa que está falando para que se apresse caso ela esteja se alongando muito.
- Pode-se falar abertamente sobre o que quiser, mas aconselhe os alunos e não permita que os assuntos se desviem demais dos assuntos em comum. Faça essa avaliação com cuidado, porque às vezes assuntos triviais do cotidiano do aluno podem influenciar o que aconteceu na oficina.

Registrando o processo: o Diário de Bordo

É fundamental fazer o registro de todo o processo para que as vivências se transformem em conhecimentos e possam ser reaproveitadas em um processo futuro. Para isso, sugerimos que o grupo faça um Diário de Bordo, onde os participantes devem relatar as atividades realizadas em cada oficina, suas percepções e sensações sobre os encontros e o processo como um todo. O diário também pode ser recheado com poesias, músicas e quaisquer outros materiais que os participantes julguem pertinentes como registro do trabalho.

Para compor esse diário, separe um caderno em branco. No final de cada oficina, uma pessoa deve levar o caderno para casa para escrever sobre o encontro. É importante que o caderno esteja presente no próximo encontro, mesmo que a pessoa não vá. Em cada encontro, crie o momento de leitura do diário. Assim, todos poderão acompanhar a criação coletiva e retomar pontos importantes que vivenciaram.

JOGOS TEATRAIS

Jogos de apresentação

Pega-pega de nomes

Como em um pega-pega comum, há um pegador que corre atrás de alguém, mas, ao invés do pique, o modo de escapar do pegador é dizer o nome de outra pessoa. Quando a pessoa que estiver fugindo gritar o nome, essa pessoa (cujo nome foi gritado) se transforma em pegador e deve correr atrás da pessoa que era o pegador. Essa, por sua vez, deve fugir e, para não ser pega deve, também, falar o nome de outra pessoa, e assim sucessivamente. A rodada do jogo termina quando um pegador conseguir tocar alguém antes que a pessoa consiga falar o nome de outra pessoa.

Para começar, o grupo forma uma roda e cada um diz o seu nome em voz alta. Então todos se espalham pelo espaço. Alguém então se oferece para ser o primeiro pegador.

O primeiro pegador (no começo do jogo e cada vez que alguém sair) deve falar alto o nome de quem deseja

pegar e ir em sua direção: esta pessoa deve gritar o nome de alguém dando início ao jogo ou rodada.

No começo, para que todos se acostumem com as regras, é recomendável que quem for pego não saia. Depois de algumas rodadas, quem for pego vai saindo até que sobrem apenas duas pessoas.

Um apresenta o outro depois de uma conversa

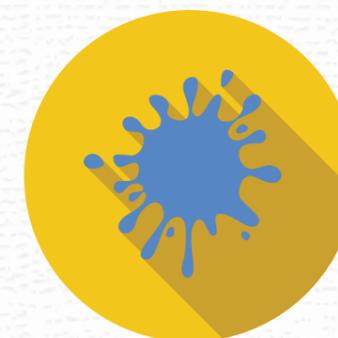
O grupo é dividido em duplas. Em um primeiro momento, cada integrante da dupla conta ao seu parceiro um pouco sobre si. Cada um deve falar o que quiser e que possa servir de apresentação; como seu nome, idade, profissão, interesses, atividades do cotidiano, breve história da família.

Estipule um tempo para esse primeiro momento: 10, 15 ou 20 minutos, dependendo do tempo total da oficina. Em um segundo momento, o grupo se organiza em uma grande roda e cada um conta, usando suas palavras, a história do seu parceiro.

História do próprio nome

Em uma grande roda, cada integrante da turma fala o seu nome e em seguida conta a história ou significado do seu nome. Por exemplo: “Me chamo Tieta e minha mãe escolheu esse nome porque estava grávida quando a novela Tieta estava sendo reprisada.”

Incentive que o aluno conte a história mesmo que pareça banal. Quem não souber, pode perguntar para a família e compartilhar com o grupo no encontro seguinte.



Jogos de integração

Quem é o mestre?

O grupo se organiza em uma grande roda. Um aluno espera do lado de fora da sala.

O grupo escolhe um aluno para ser o mestre. Ele deve realizar movimentos repetitivos simples (bater palma, levar a mão até a cabeça, chutar o ar, pular em um pé só) e a turma deve imitá-lo. O aluno que estava fora da sala é chamado a entrar e se posiciona no centro da roda. O seu objetivo é descobrir quem é o mestre. Ele tem três chances para acertar.

O mestre deve mudar de ação várias vezes, tentando fazer isso sem que o aluno que está no centro da roda perceba.

Pega-pegas de costas

Todos os alunos se posicionam em um dos extremos da sala enquanto um deles se posiciona no outro extremo, de costas para a turma.

O objetivo da turma é pegar o aluno que está do outro lado da sala enquanto ele não estiver olhando. Mas ele pode se virar a qualquer momento! Caso ele veja alguém andando na sua direção, aponta e diz o nome dessa pessoa, que deve então voltar para o extremo da sala e começar a perseguição novamente.

Quem conseguir pegá-lo será, na próxima rodada, o jogador de costas para a turma.

Nó de mãos

A turma divide-se em grupos menores (entre 4 e 8 integrantes).

Cada grupo se organiza em uma roda bem fechada, de forma que as suas mãos possam se encontrar ao centro. Todos posicionam suas mãos no centro da roda e seguram a mão de outra pessoa, para formar um “nó de mãos”.

O grupo deve tentar desatar esse nó sem soltar as mãos (para que ninguém se machuque, as mãos podem se adequar ou girar, mas sem soltar).

Essa dinâmica pode se repetir algumas vezes no grupo menor, já que os nós formados têm graus de dificuldades diferentes. E depois grupos maiores podem ser formados para aumentar o desafio.

História coletiva

Sentados em uma grande roda, a turma cria uma história coletiva.

O primeiro contador começa com “Era uma vez” e cria o começo, situando a história e descrevendo basicamente seus personagens principais. Para terminar, ele diz “então...”, passando a vez para o próximo contador da roda. Este, por sua vez, continua de onde o seu antecessor parou até finalizar com “e então...” e assim sucessivamente.

O limite de rodadas e de tempo de cada contador deve ser dado pelo educador, que deve também indicar que o último contador leva a história para um final.

É possível, ainda, evoluir o jogo para a criação de cenas. Nesse caso divide a turma em grupos menores e peça que eles escolham um trecho da história e criem uma cena a partir dele, mas que deem um começo, meio e fim para o trecho escolhido.

Jogos para desenvolver a consciência corporal e a percepção espacial

Condutor e conduzido

A turma é dividida em duplas. Cada dupla estipula quem vai ser o condutor e quem vai ser o conduzido.

É importante que o educador oriente os alunos que esse é um jogo de confiança e que o objetivo é estabelecer uma sintonia entre a dupla, propor desafios e não colocar o parceiro em uma posição difícil ou constrangedora.

O condutor posiciona a sua mão a aproximadamente 20 cm do rosto do conduzido. O desafio é o condutor movimentar a sua mão pelo espaço e o conduzido manter a mesma distância entre a mão do condutor e o seu rosto.

Após um tempo determinado, as duplas trocam de função: o condutor passa a ser o conduzido e vice-versa.

Espelho

A turma é dividida em duplas. Um integrante da dupla será o líder e o outro será o espelho. O líder faz movimentos livres e o espelho deve copiá-lo em tempo real. O desafio é que quem estiver de fora tenha dificuldade em perceber quem é o líder e quem é o espelho. Após um tempo determinado a dupla troca quem está liderando e quem é o espelho.

Conforme o jogo for avançando o líder pode propor maiores distâncias e desafios de movimentação e velocidade. Mas o objetivo do líder não é fazer movimentos que o espelho não possa acompanhar nem enganar o parceiro. Os dois integrantes da dupla são responsáveis pela boa execução do exercício!

Jogos de observação

Observação do espaço

A turma é dividida em grupos menores. Disponibilize para cada grupo papel e caneta.

No primeiro momento os grupos andam em silêncio pelo espaço e anotam o maior número de detalhes que puderem observar, como o número de janelas, portas e tomadas, até detalhes menores, como número de tábuas do piso, a marca do ventilador ou o que está escrito na parte de baixo da terceira carteira.

Você também deve fazer anotações sobre o que está observando! Então faça perguntas aos alunos sobre o espaço, valendo pontos.

Em um terceiro momento os grupos fazem perguntas entre si, também valendo pontos.

Jogo dos 7 erros

A turma é dividida em dois grupos.

O primeiro grupo monta uma foto (ou seja, precisam criar uma cena estática, como quando crianças brincam de “estátua”). O segundo grupo tem um tempo determinado para observar o maior número de detalhes de cada elemento dessa foto – as expressões dos personagens da foto, detalhes das roupas, acessórios etc.

Então o segundo grupo vira de costas ou sai da sala, enquanto o primeiro faz pequeníssimas mudanças em sua pose – podem mudar a postura, expressões faciais, tirar um brinco, trocar um anel de dedo, desamarrar o cadarço, colocar um boné... Você pode estipular que cada integrante da foto só faça uma mudança e quando todos tiverem feito a sua, o grupo fica estático novamente.

O segundo grupo tem, então, um tempo para observar e anotar as mudanças em relação à primeira foto. Cada acerto desse grupo vale um ponto. Os grupos trocam de posição e o jogo se repete. Ao final, comparam-se os pontos de cada grupo.

Jogos para estimular a confiança e a concentração

João-bobo

Em roda, todos os participantes ficam em pé olhando para o centro. Inclina-se em direção ao centro, com os pés cravados no chão, sem dobrar a cintura, arquear as costas ou levantar os calcanhares. Façam o mesmo procedimento para trás e para os lados.

Em seguida, a turma é dividida em grupos menores, de no máximo cinco pessoas. Um participante vai para o meio, fecha os olhos e agora se deixa tombar. Os jogadores ao redor devem sustentá-lo com as mãos, deixando chegar até bem próximo do chão e recolocá-lo no centro. O jogador no meio volta a tombar para outro lado e assim inicia-se um fluxo. Como se todos estivessem brincando com um João-bobo.

Limão

A turma senta em uma grande roda. Cada aluno recebe um número em sequência (1, 2, 3, 4 etc.). Seguindo a ordem da roda, cada um tem que falar: “(seu número) limão, meio limão, (número de outro aluno) limão”. Por exemplo: você é o número 1 e fala: “Um limão, meio limão, cinco limão”. Então o aluno número cinco diz: “Cinco limão, meio limão, vinte e três limão”. O aluno vinte e três sabe que é a vez dele e seguirá a mesma sequência.

A tendência é que os alunos comecem a “travar a língua” e a errar a frase. Sai quem errar tanto por confundir a frase como por chamar o número de alguém que já saiu. O jogo acaba quando restar apenas um participante.



Jogos para trabalhar princípios do teatro

Parte do todo

Em roda, um participante escolhe uma atividade que possa ser realizada por mais de uma pessoa ao mesmo tempo, sem revelar ao resto do grupo. Ele deve entrar na roda e começar a executá-la. Quando a natureza dessa atividade estiver clara, outra pessoa pode entrar e completar a atividade.

Por exemplo, a atividade é limpar a casa. O primeiro jogador começa a varrer o chão, o segundo pode limpar o pó dos móveis, o terceiro limpa as janelas...

Defina o número de pessoas que podem entrar para completar a atividade. Quando não existir mais possibilidades, uma pessoa propõe uma nova atividade e assim sucessivamente.



Jogo “Onde, quem e o quê”

A turma é dividida em grupos menores. Cada grupo deve escrever em um pedaço de papel um lugar (onde), personagens (quem) e uma situação (o quê). Por exemplo: em um elevador, uma médica, uma criança com fome e um policial, acaba a luz do prédio e eles ficam presos.

Em seguida, os grupos trocam os papéis e cada grupo tem que improvisar uma cena a partir da proposta do outro.

PARA SE APROFUNDAR: BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS

- Debarbieux, E. *Violência na escola: um desafio mundial?* Lisboa: Instituto Piaget, 2007.
- DYMETMAN, A. *Da mediação à transmediação de conflitos: dissolver para resolver*. Porto Alegre: Sergio Antônio Fabris Ed., 2011.
- LATERMAN, I. Incivilidade e autoridade no meio escolar. In: Anped - Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação (org.), 25ª Reunião Anual Anped – Educação: manifestos, lutas e utopias. Caxambu: Anped/UFSC, 2002
- MORENO, M.; SASTRE, G. *Resolução de conflitos e aprendizagem emocional*. São Paulo: Moderna, 2002.
- VICENTIN, V. *E quando chega a adolescência – uma reflexão sobre o papel do educador na resolução de conflitos entre adolescentes*. Campinas: Mercado de Letras, 2009.
- VINHA, T.P. DVD. *Conflitos = Aprendizagem*. Coleção DVDs Conflitos na Escola. São Paulo: Atta mídia e educação, 2009 (31 minutos).
- VINHA, T.P. DVD. *Perspectiva construtivista dos conflitos*. Coleção DVDs Conflitos na Escola. São Paulo: Atta mídia e educação, 2009 (21 minutos).
- Vinyamata, E. *Aprender a partir do conflito: conflictologia e educação*. Porto Alegre: Artmed, 2005.
- GARCIA, J.A.; TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. *Indisciplina, conflitos e bullying na escola*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- MARTINEZ, J. M. A. *Bullying: guia para educadores*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- TOGNETTA, L. R. P.; VICENTIN, V. F.; LEME, M. I. S. *Quando os conflitos nos pertencem*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.
- TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T. P. (org). *É possível superar a violência na escola? Construindo caminhos pela formação moral*. Coleção Práxis Educação. São Paulo: Editora do Brasil/FE, Unicamp, 2012.
- GARCIA, J. Indisciplina e violência nas escolas: algumas questões a considerar. *Revista Diálogo Internacional*, v. 09, n. 28, p. 511-523, set/dez 2009. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1981-416x2009000300008&script=sci_arttext.
- GARCIA, J. Indisciplina na escola: uma reflexão sobre a dimensão preventiva. *Revista Paranaense de Desenvolvimento*, n. 95, p. 101-108, jan/abr 1999. Disponível em: www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/.../229. Acesso em: 09/09/2012.
- GARCIA, J. Indisciplina, incivilidade e cidadania na escola. *Educação Temática Digital*, v. 08, n. 01, p. 121-130, dez 2006. Disponível em: <http://www.fae.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2138>.
- LA TAILLE, Y. Autoridade na escola. In: AQUINO, J.G. (org.). *Autoridade e autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999.
- TOGNETTA, L.R.P.; VINHA, T.P. *Quando a escola é democrática. Um olhar sobre a prática das regras e assembleias na escola*. Campinas: Editora Mercado de Letras, 2007.
- MORRISON, B. Justiça Restaurativa nas Escolas. In: SLAKMON, C.R. et al. (org.). *Justiça restaurativa*. Brasília: Ministério da Justiça e Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento, 2005. p. 295-320. Disponível em http://www.idcb.org.br/documentos/sobre%20justrestau/LivroJustca_restaurativa.pdf
- LUCATTO, L. C. *Justiça restaurativa na escola: um olhar da Psicologia Moral*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação Unicamp, 2012. Disponível em <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>



DIÁLOGO com TEATRO

Realização:



Instituto **SoudaPaz**

A paz na prática

Parceria:



Patrocínio:

